





Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

THEATRO CONTEMPORANEO

N. 1

J. DE ALENCAR

A EXPIAÇÃO

COMEDIA EM 4 ACTOS



RIO DE JANEIRO

Em casa do Editor

A. A. DA CRUZ COUTINHO

75

RUA DE S. JOSÉ

75

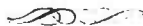
1868

J. DE ALENCAR

A EXPIAÇÃO

COMEDIA EM 4 ACTOS

(SEGUNDA PARTE DAS AZAS DE UM ANJO)



RIO DE JANEIRO

Em casa do Editor

A. A. DA CRUZ COUTINHO

75 RUA DE S. JOSÉ • 75

1868

POSCRIPTO

Meu pensamento escrevendo em 1858 a comedia que tem por titulo — *As azas de um anjo*—, foi esboçar a vida da Magdalena moderna, a Magdalena do ouro, filha da sociedade actual.

Devia pereorrer essa existencia tumultuaria, desde o dia em que o anjo perdendo as azas cahe no pó até o momento em que, depois de haver rojado, como a larva pelo chão, se transforma emfim e eleva á ceeste mansão da virtude.

Havia ahi duas idéas bem distinctas, dous dramas, o erro e a expiação. Não seria possível inclui-las em uma só comedia; as acções erão diversas, pelo tempo, pela scena, pela revolução profunda no caracter de alguns personagens.

O drama não é como por ahi o fazem as vezes, uma serie de quadros ou paineis brilhantes, poeticamente dialogados, mas uma pagina da vida humana que a logica inflexivel das paixões não permite truncar.

Concluiu-se por isso a primeira comedia com o arrependimento, deixando no epylogo della o prologo e argumento da segunda. Assim virião ambas a formar a duologia da pecadora na sociedade actual.

A Magdalena do evangelho foi preza da paixão vehemente; por isso no dia do arrependimento, quando abraçou com fé robusta os pés do Redemptor, tudo lhe foi perdoado porquê *ella tinha muito amado*.

A Magdalena do mundo é uma victima do ouro, abjura do amor e relapsa na cupidez; embora constricta e arrependida só remirá sua culpa quando tiver amado muito e portanto muito soffrido.

A primeira epocha da vida de Carolina, *As Azas de um anjo*, foi censurada por espiritos bem reputados em litteratura. O casamento final para alguns é um monstro da imaginação do author que fantasiou á seu bel prazer um amor puro pela mulher só capaz de excitár o desejo sensual; outros considerárão esse casamento como uma recompensa ao arrependimento e portanto um perdão do erro.

A *Expição* é a resposta á estas censuras: ahi está o desenvolvimento da idéa incubada no epylogo das *Azas de um Anjo*.

O amor de Luiz que acompanha Carolina durante seu eclipse e tenta regenera-la pelo casamento é sem duvida um monstro; mas não do espirito do author: é um monstro do coração humano: é a paixão indomavel das organizações fortes, erescendo com as lutas e sacrificios, e de repente extinguiendo-se, mal entrão no dominio da vida real. Ha n'alma, como na atmosphera, uma electricidade que só brilha e fulmina quando rudemente agitada. Nas almas da tempera de Luiz as descargas electricas devem de ser violentas.

Quanto á outra censura, não foi de certo para recompensar Carolina que desde o prologo se revela o amor romanescos de Luiz, amor que percorre toda a gamma de paixão desde a veneração até o desprezo, desde a indignação até o heroismo de um matrimonio, reputado vergonhoso. Não; esse casamento é a ultima e cruel punição do anjo decahido; é mais que a punição é a expiação do passado.

O pensamento não podia ser mais claro.

Emquanto o marido fór um irmão apenas, como elle o disse, o que será essa união? Para Carolina o tantalismo de um amor partilhado e não satisfeito! Para Luiz a luta de um homem só contra a sociedade inteira. Para ambos o desprezo e sarcasmo do mundo, que tolera, disfarça algumas vezes, mas não esquece.

Si mais tarde, o que é provavel, o amor puro e regenerador de Luiz descer a realidade do amor conjugal, Carolina achará no thoro, em vez dos castos prazeres, um supplicio de vergonha e abjecção. Pungida pelas recordações amargas ella se revolverá no leito de Procusto durante as longas noites de insomnia, dilacerando sua alma nos espinhos da tribulação. Depois de se haver torturado assim em holocausto á paixão do marido, a victima expiatoria da sensualidade se erguerá para beber o fel do desprezo que transuda do homem torpemente saciado.

Subito, o amor ardente do marido, se apaga como chamma fugace; mas o coração vigoroso e jovem têm sede de vida. Luiz ama outra mulher: a vergonha e o remorso de sua perfidia o irrita, porque elle é honesto; a paixão o esvaira. Quem sabe? Talvez em um momento de delirio, insulte sua mulher.

E a filha!...

Si um dia a casta e innocente menina ler no sorriso de escarneo a vergonha de seu nascimento; si uma voz lhe murmurar ao ouvido que é sua propria mãe quem lhe corta em flôr as mais bellas esperanças e a rejeita da sociedade honesta; a filha não terá um momento de delirio, uma revolta do coração puro, um grito de indignação para accusar aquella á quem deve a vida e tambem o infortunio!

Eis esboçado o pensamento da *Expição*. Eu a entrego á scena, da qual foi violentamente arrancada sua irmã.

Será ella mais uma victima ao minotauro? Mais um livro sacrificado em holocausto á indiferença publica, que tantos outros tem devorado?

Habent sua fata libelli.

Este terá o seu!

Rio de Janeiro, 15' de Outubro de 1865.

J. DE ALENCAR



ADVERTENCIA DO EDITOR

Esta comedia que se acha nos prelos ha cerca de um anno, só agora pôde finalmente sahir a luz da publicidade. Pedimos desculpa ao publico e não menos a seu Exm. auctor por esta grande demora, toda devida a circumstancias especiaes do impressor.

Os direitos de representação pertencem ao

EDITOR.

DECORAÇÃO

ACTO I. — A scena representa um terraço ; no fundo e dos lados, portas illuminadas dos salões de baile, por onde passam constantemente os pares. A esquerda, no primeiro plano, gradil do terraço com assentos para fumar ; do outro lado bancos de pedra com latadas. Vasos de flores, trepadeiras, etc. A espaços ouve-se a musica.

ACTO II. — Sala modesta. No fundo direito entrada exterior: no fundo esquerdo varanda. A direita janellas de grades : á esquerda alta sala de jantar ; á esquerda baixa, interior. O piano á direita entre as janellas.

ACTO III. — Jardim moderno ; no fundo, cortinas que occultão a mesa de jantar sob as mangueiras. A direita, grade que divide do pateo de entrada ; á esquerda, um pavilhão octogono, metade fechado em gabinete, metade-aberto em varanda ; da parte fechada, porta para o jardim ; dessa porta desce até abaixo da scena um arvoredo que separa a varanda do jardim ; a communicação faz-se por um arco de cedros, onde se figura passar a rua tortuosa que vem do fundo.

ACTO IV. — A mesma scena que o segundo.

DISTRIBUIÇÃO

CAROLINA, 34 annos.

LINA, 16 annos.

SOPHIA, 18 annos.

* PAULINA, 38 annos.

* D. FRANCISCA, 47 annos.

AMELIA, 20 annos.

HELENA, 59 annos.

MENEZES, 50 annos.

LUIZ VIANNA, 38 annos.

BARÃO DE CASTRO (Araujo), 54 annos.

COMMENDADOR VIEIRA, 40 annos.

FERNANDO, 49 annos.

PINHEIRO, 35 annos.

TAVARES, 60 annos.

Convidados, criados, um afilhado de D. Francisca, etc.

A scena é no Rio de Janeiro, 13 annos depois do epilogo das
AZAS DE UM ANJO.

Personagens novas.

A EXPIAÇÃO

ACTO I

Em casa de Fernando. Terraço entre salões de baile.

SCENA I

Menezes, Vieira, Pinheiro e Fernando.

FERNANDO

Aqui está mais fresco !

PINHEIRO

Está delicioso !... Este terraço é encantador !...

MENEZES

Realmente, quem gosa deste ar puro, e desta impagavel liberdade em pleno baile, vendo dansar nos salões as mais bonitas mulheres, e luzir no céu as mais brilhantes estrelas, saboreando um sorvete entre duas fumaças de Havana ; póde dizer affoutamente que conquistou o paraíso terrestre !

VIEIRA

E' o baile mais esplendido deste anno. Pódes ter este orgulho, Fernando !

FERNANDO

Quiz mostrar a certos ricos como se deve usar da riqueza !

VIEIRA

E conseguiste! Fizeste de tua casa um verdadeiro paraíso terrestre, como diz o Sr. Menezes. Nada falta, nem mesmo o fructo prohibido.

MENEZES

E a tentação da serpente, Sr. Vieira... Perdão... Sr. commendador Vieira!...

VIEIRA

Ora! Póde tratar-me como quizer. Não reparo nessas cousas.

MENEZES

Nada! O seu a seu dono. Ninguém respeita mais os títulos do que eu.

PINHEIRO

Quando bem empregados.

MENEZES

São sempre bem empregados, Sr. Pinheiro.

FERNANDO

Oh! nem sempre!

VIEIRA

O certo é que um homem sisudo faz hoje verdadeiro sacrificio aceitando alguma dessas honras que tem sido tão barateadas pelos governos estrangeiros.

MENEZES

Como certas commendas!... Mas acredite-me, Sr. Fernando: o título ainda mal empregado é uma instituição utilissima.

FERNANDO

Explique-nos a razão.

MENEZES

O que são as condecorações senão um modo de publicidade? Um velhaco que passaria desapercibido em sua obscuridade, não pôde escapar a curiosidade publica desde que o põem em relevo.

PINHEIRO

Que epigramma!

MENEZES

E' um paradoxo de jornalista. Sou homem da imprensa; sustento a conveniencia do annuncio e a abolição do anonymo, no salão, como no jornal. E lá vem o nosso barão que estou certo pensa como eu.

VIEIRA.

O barão é suspeito nesta materia!

SCENA II

Os mesmos, e o Barão

BARÃO

De que se trata? Do Sr.?

PINHEIRO

Tratava-se de titulos e condecorações...

MENEZES

E eu dizia que si algumas vezes são cartas de recommendação, outras não passam de cartazes de botica bem necessarios para se conhecer que o frasco contém veneno.

BARÃO

Dizias uma verdade. Não sou suspeito, como inculca aqui o Sr. commendador. Quando me offerecêrão o titulo que trago por uma bagatella que dei, quiz recusar; mas não tendo nome illustre que conservar, e não me vindo dahi prejuizo, aceitei. Aceitei, e confesso que por uma razão de commodidade.

VIEIRA

Pois eu julgo que não ha nada mais incommodo do que as honras. Digo-o por mim: vê-se uma pessoa cercada por mil importunações.

BARÃO

Não duvido que ao senhor isso aconteça; a mim porém dá-me menos trabalho como director do banco assignar milhares de vezes dous nomes, do que os cinco que me deixou meu pai por herança.

VIEIRA

Então foi barão unicamente para encurtar a assignatura?

MENEZES

Admira com effeito! Quando outros fazem o possivel por alongar o nome, escrevendo a margem todos os seus titulos verdadeiros ou falsos!

FERNANDO (*tossindo*)

Vou me recolhendo. O sereno não me faz muito bem!

BARÃO

Mas tem passado melhor depois de sua viagem.

FERNANDO

Pouco!... Tambem a contradansa nos chama meus senhores. A conversa está interessante; mas não devemos esquecer as senhoras.

VIEIRA

E' a segunda quadrilha? Danso com D. Paulina. Ainda não te fiz meus cumprimentos. Está com um *toilette* deslumbrante! Os mais ricos diamantes desta noite!

MENEZES

O elogio tem seu peso! O Sr. Vieira é bom juiz em materia de jóias.

BARÃO (*rindo*)

E' entendido, é! Lembras bem!

VIEIRA

Nem por isso, meus senhores. Fallo simplesmente como homem de gosto!

SCENA III

Barão e Menezes

BARÃO

Já viste Carolina?

MENEZES

Ella está aqui?

BARÃO

Chegou á pouco. A filha obrigou-a... Como resistir? Lina vai fazer deseseis annos no dia 20; está uma moça e não tem distrações.

MENEZES

Viesse com seu pai; com Luiz!

BARÃO

Não achas feio estar uma menina daquella idade n'um baile sem a companhia de sua mãe?

MENEZES.

Antes isso do que expôr-se á uma desfeita ! E Luiz consentio em semelhante imprudência !

BARÃO

Luiz me parece mudado ; não é o mesmo homem. Está agora de um humor detestavel ; sempre contrariado e aborrecido. Para isso não valia a pena vir morar na côrte !

MENEZES

E não desconfias do motivo dessa mudança, Araujo ?

BARÃO

Não : tenho pensado, e não sei a que attribua. Percebeste alguma cousa ?

MENEZES

Tive apenas uma suspeita á tempos, e não quiz commu-
nicar-te, porque ella te affligiria profundamente, como me
affligio a mim. Desconfio, Araujo, que Luiz já não ama
Carolina.

BARÃO

Que dizes, Menezes ? E' possivel ? A mulher por quem
sacrificou seu futuro e sua existencia !

MENEZES

Por isso mesmo : o coração deu mais do que devia, e do
que podia : a razão reclamou já tarde seus direitos.

BARÃO

Mas que motivos tens para acreditar que esse amor aca-
bou ? Depois de tantos annos de casados, é natural que se
tornasse mais calmo.

MENEZES

Sem comtudo perder a estima, que o homem deve á

mulher áquem deu seu nome ! Repito, porém : é simples suspeita minha : o que vi não passa de symptomas assustadoras, que entretanto talvez nada tenham de real,

BARÃO

Deus o queira. Seria uma desgraça para toda aquella familia.

MENEZES

Especialmente para Carolina. Vamos vê-la : ella deve sentir neste momento a necessidade de ter junto a si seus amigos : isto lhe dará coragem.

BARÃO

Está passeando agora com o Tavares.

MENEZES

Receio muito que essa imprudencia não tenha más consequencias.

BARÃO

Não sejas tão apprehensivo tambem. Ha treze annos que Carolina casou ; tem vivido constantemente na fazenda... Já devem estar esquecidos.

MENEZES

Cuidas que estas cousas esquecem ?... E's sempre o mesmo homem, Araujo ; nem a idade, nem a riqueza, destruirão a ingenuidade de teu coração. O que esquece é o martyrio de Carolina arrependida e torturada pelas recordações, sua virtude de esposa e mãe, sua caridade intelligente, o heroismo sublime de sua calma e apparente serenidade : todas essas lembranças de hontem, todos estes factos de hoje, que continuarão amanhã e sempre. Mas o erro, esse não cria cabellos brancos nunca, e por mais velho que seja, remoeça apenas lhe tocão. Tenho uma lembrança vaga de que a mulher de Fernando conheceu Carolina n'outro tempo... Não estás certo ?

BARÃO

Não me recorde. Fazem tantos annos !

MENEZES

E esse Vieira?... Está fazendo a côrte a D. Paulina: uma palavra basta, e elle a dirá...

BARÃO

Felizmente estamos aqui. Si houver alguma cousa, dou o braço a Carolina, e quero que a venhão offender junto de mim.

SCENA IV

Os mesmos, Ribeiro, Frederico e Lina.

RIBEIRO

Sr. barão ! (*sarida*) Estimo encontra-lo, Sr. Menezes.

MENEZES

Ha muito que não tinha o prazer de vê-lo.

RIBEIRO

Onde está morando agora ?

MENEZES

Sempre no Cattete, e sempre ás suas ordens.

RIBEIRO

Desejo procura-lo ; e desde já o previno que é uma visita interesseira.

MENEZES

Melhor ; terei o prazer de servi-lo, Sr. Ribeiro. Com licença !

RIBEIRO

Perdão. Si o não incommodo, permitta que lhe apresente meu filho.

LINA (*pelo braço de Frederico*)

Boa noite, Sr. Menezes.

MENEZES

Como está, Lina ?

LINA

E' preciso procura-lo para ter o gosto de o ver.

MENEZES

Os velhos devem passar depois dos moços. Nós formamos nos bailes, a reserva dansante.

BARÃO

Eu cá estou reformado !

LINA

Pois ha de dansar hoje comigo, meu padrinho !

RIBEIRO

Frederico, ainda não conheces o Sr. Menezes, um dos nossos talentos mais brilhantes e escriptor de reputação. São relações que deves cultivar : em tão boa escola aprende-se muito.

FREDERICO

Se o Sr. Menezes me quizer honrar com seus conselhos, eu me esforçarei por tornar-me digno de sua amizade.

MENEZES

A. A minha amizade é um tanto rabugenta ; pelo que não a supportão senão alguns velhos camaradas, já habituados

às minhas impertinencias. Isso não impede porém que faça sempre com prazer o conhecimento de uma pessoa digna de estima.

RIBEIRO

Apresento-te agora o Sr. barão de Castro ! E's feliz esta noite. Quem faz dous conhecimentos desta ordem, pôde bem dizer que não perdeu o dia.

FREDERICO

E' uma fortuna certamente, e que eu sei apreciar. Sinto que neste momento outro dever não me deixe gosar della por mais tempo.

LINA

Mas eu não desejo que por minha causa se prive desse prazer.

FREDERICO

Oh ! confesso que sou egoista preferindo sua conversação, minha senhora ; mas nenhum dos senhores me leva isto a mal.

MENEZES

De certo ; as moças, sobretudo as bonitas, não costumão perdoar esses crimes contra a galanteria.

LINA

Veja lá, não me deite a perder com seus elogios.

SCENA V

Menezes, Barão e Ribeiro

BARÃO

Que idade tem seu filho, Sr. Ribeiro ?

RIBEIRO

Vinte e um annos. Acaba de formar-se em medicina.

BARÃO

E' mais velho do que... do que a outra ?

MENEZES

Suppunha que a menina que o Sr. perdeu ha tempos era seu primeiro filho.

RIBEIRO

Não senhor ; quando a perdi, Frederico estava com sua mãe ; trouxe-o para minha companhia e o tenho educado com desvelo. Quero que elle seja o contrario do pai. Hade conhecê-lo : é um moço sisudo e de principios ser-
veros.

BARÃO

Notei-lhe com effeito uma gravidade rara em moços de sua idade.

RIBEIRO

E' por elle Sr. Menezes que desejo procura-lo, para de novo pedir-lhe sua protecção.

MENEZES

Ora, Sr. Ribeiro !

RIBEIRO

Perdão, se tivesse um amigo como o senhor quando entrei no mundo, creio que a minha vida teria sido outra.

BARÃO

Nisso dou-lhe toda a razão : eu conheço esta fazenda.
(batendo no hombro de Menezes.)

RIBEIRO

Posso contar com este obsequio ?

MENEZES

São cousas que não se promettem, Sr. Ribeiro ; vem com o tempo e com as circumstancias. O que lhe asseguro é minha boa vontade.

RIBEIRO

Isso basta-me ; obrigado.

SCENA VI

Menezes, Barão

MENEZES

Queres saber que idéa extravagante me passou agora pelo espirito ?

BARÃO

Uma extravagancia em ti é cousa bem rara para que eu tenha curiosidade de conhecê-la.

MENEZES

Nem tanto... Mas vendo-os pelo braço um do outro...

BARÃO

Antes de tudo saibamos de quem fallas ?

MENEZES

De Lina e desse filho do Ribeiro..

BARÃO

Bem ; vendo-os pelo braço...

MENEZES

Lembrei-me ! São moços, ambos na flôr da idade, ignorão o passado. Si elles vão se amar !

BARÃO

Hem !... Dous irmãos !...

MENEZES

Não falles tão alto !

BARÃO

Mas essa para a pobre Carolina !

MENEZES

Confesso-te que estremecei !

BARÃO

E havia de que.

MENEZES

Mas no fim de contas não passa de uma lembrança. Ha tanto moço de quem Lina póde gostar !

BARÃO

Comtudo é prudente afastar o rapaz. Virão-se hoje pela primeira vez ; mas ninguem sabe o que virá depois. Estes bailes são uma escola de namoro.

MENEZES

Aposto que te recordaste agora da Vestal.

BARÃO (*rindo*).

E' verdade ! Meu tempo ! Ha nada que o faça esquecer ! Nem riqueza, nem consideração.

MENEZES

E' realmente prudente evitar que Lina se encontre com

esse moço ; mas não basta. Convém casa-la quanto antes, e por todas as razões. Uma indiscrição, uma palavra malevola póde lhe revelar o segredo de seu nascimento ; e ella soffrerá menos se tiver um protector e um coração leal que a ame e faça feliz. E' preciso que Luiz trate disto.

BARÃO

Luiz ? Todos nós. E's celibatário e eu estou viuvo e sem filhos. A familia de Luiz é tambem nossa. Temos não só o dever, mas o direito de velar em sua felicidade. Não entendes assim ?

MENEZES

Sempre o entendi. Occupemo-nos todos, dizes muito bem, com o meio de assegurar sua tranquillidade: mas não lhe deixemos perceber que ella está ameaçada !

(Pequeno intervallo em que se ouve a musica e vê-se a multidão dos convidados que atravessão o terraço.)

SCENA VII

Luiz e Sophia (de braço.)

SOPHIA

Voltemos ao salão: desejo sentar-me.

LUIZ

Já ?

SOPHIA

Estou fatigada.

LUIZ

Quantas valsas dansou ? ... Nenhuma !

SOPHIA

Temos passeiado tanto tempo ! Podem reparar.

LUIZ

Não tenha esse receio. Sou um homem casado.

SOPHIA

Sr. Vianna !

LUIZ

Reprehenda-me, D. Sophia ; repilla-me com indignação e desprezo. A senhora o deve. Mas não posso, não tenho forças para recalcar este amor insensato no fundo do coração.

SOPHIA

Calle-se ! Eu lhe peço ?

LUIZ

Tenho pensado muitas vezes que é uma loucura, um amor sem esperança, uma paixão criminosa e infame, porque trahe a mulher que tem direitos sobre mim, e insulta aquella á quem amo. De que serve isto ? De exasperar-me ainda mais, e torturar-me de ciúmes. Neste baile, quando um homem chega-se para a senhora, lhe falla e aperta a mão, sabe o que eu penso ? Aquelle é livre ; ella póde ama-lo ! E tenho vontade de ir-me a elle e insulta-lo . . .

SOPHIA

Não falle tão alto : estão-nos ouvindo, Sr. Vianna.

LUIZ

Que grande crime commetti eu para que Deos me punisse com este amor ? Minha vida agora é um martyrio.

Meus amigos, fujo delles com medo que me leão no rosto meu crime. Minha mulher... creio que lhe tenho odio.

SOPHIA

Porque, meu Deos? Ella merece ser amada!

LUIZ

Quem é a causa de minha desgraça? Si eu fosse livre, talvez a senhora me amasse.

SOPHIA

Ninguem governa seu coração. Ah! si o amor só nascesse quando se deseja!

LUIZ

Quando a senhora me conheceu, ignorando ainda quem eu era, talvez me illudisse; mas pareceu-me que seu olhar não era indifferente ao que eu sentia. Diga, não é verdade?

SOPHIA

O senhor tinha salvado meu pai; era preciso que fosse ingrata.

LUIZ

Não me falle de gratidão.

SOPHIA

Demais o senhor me parecia triste e infeliz..

LUIZ

E não o sou mais agora?

SOPHIA

Erão motivos bastantes para me interressar pelo senhor, e ter-lhe amizade.

LUIZ

E hoje só tem motivos para desprezar-me !

SOPHIA

Para despreza-lo não ; mas para fugi-lo. Creio que vão tocar uma valsa.

LUIZ

Vai dansar ? Com quem ?

SOPHIA

Com o commendador Vieira .

LUIZ

Com esse homem ! Oh ! mas elle é feliz ! é solteiro !

SOPHIA

Não diga isso . Que loucura !

LUIZ

Quando penso que a senhora pôde amar alguém, perco a razão !

SOPHIA

Não pense nisto. Quer ? Eu lhe prometto que não amarei a ninguém.

LUIZ

Nunca ? . . . Oh ! São promessas que não se cumprem, e nem se podem cumprir. Não disse á pouco que ninguém pôde governar seu coração ? Não ! Seja feliz ! A desgraça deve recahir unicamente sobre mim ; não tenho direito á semelhante sacrificio .

SOPHIA

Quem lhe diz que seja um sacrificio ! Não acredita que hajão almas incapazes de amar ? Sou uma dellas. Vivirei para a amisade e as affeições, calmas da familia !

LUIZ

E' impossivel !

SOPHIA

Eu lhe provarei o contrario. Quer ser meu amigo ?
(*Entrão Lina e Frederico ; elles afastão-se passeando.*)

SCENA VIII

Lina e Frederico

LINA

Ainda não me disse como tem achado o baile, Sr. Frederico ?

FREDERICO

Brilhante, D. Lina ! E nem podia deixar de ser assim. Esperei-o com tal anciedade !

LINA

Contava então divertir-se muito ?

FREDERICO

Tinha a esperanza de encontra-la e de poder enfim falar-lhe.

LINA

Como ! O senhor ja me conhecia ?

FREDERICO

E a Sra., D. Lina, não me conhecia também ?

LINA

Não me lembro.

FREDERICO

Não se lembra de me ter visto ? Quando estive em Santa Thereza não costumava passeiar todas as tardes no jardim ?

LINA

A's vezes.

FREDERICO

Uma tarde o vento arrebatou seu chapéo. Não se recorda de quem o apanhou e lhe entregou por entre as grades ?

LINA

Faz tanto tempo já que estive em Santa Thereza.

FREDERICO

Fazem seis mezes. E' muito para quem esperava ; mas bem pouco para esquecer. Tinha enfeitado seu chapéo com as rosas que colhêra e ficou-me uma nas mãos. Quando ia dar-lhe ; a senhora fugio. Guardei-a.

LINA

Ainda a conserva ?

FREDERICO

Ainda ; mas não tenha o menor receio ; sei que devo restitui-la.

LINA

Não lhe pedi.

FREDERICO

Consente que eu a guarde então ?

LINA

Consinto... si quizer.

FREDERICO

E desta vez não esquecerá ?

LINA

Tanto como da primeira. Quando deixámos de ver alguém por muito tempo é natural esquecermo-nos delle.

FREDERICO

Não foi por minha vontade, D. Lina. Tive uma enfermidade bem grave !

LINA

Ah ! meu Deos ! Bem o coração me adivinhou.

FREDERICO

Que diz ! Pensa algumas vezes em mim ? Já não sinto o que soffri , porque foi essa doença que a fez confessar.

LINA

Não confessei cousa alguma ; e não vá por isso adoecer outra vez. Onde estará mamãe ?

(Um cavalleiro toma o braço de Lina.)

SCENA IX

Os mesmos, Luiz, Sophia e Vieira.

LINA

Não valsas hoje Sophia? Tu que és tão apaixonada.

SOPHIA

Estou a espera de meu par.

LINA

Aqui?... A valsa se acabará antes que te encontre.

SOPHIA

Não se perde muito. Estou gozando deste fresco.

LUIZ

Que é mais agradável por certo do que uma valsa com o commendador Vieira.

FREDERICO

E a senhora não valsa?

LINA

Não senhor; mamãe não quer.

VIEIRA

A que tempo que a procuro, D. Sophia. Vai tocar a nossa valsa.

SOPHIA

Estava-o esperando.

SCENA X

Ribeiro e Frederico

RIBEIRO

Não dansas agora ?

FREDERICO

Não senhor; Já dansei bastante.

RIBEIRO

Se queres acende teu charuto. Tens te divertido ?

FREDERICO

Muito, mais do que esperava ! O baile está muito animado, e a reunião é a melhor possível.

RIBEIRO

O que ha de mais distincto no Rio de Janeiro. Bonitas senhoras, *toilettes* magníficos. Mais do que é preciso para atordoar um moço de vinte annos. Lembra-te porém do que te disse : toma cuidado com teu coração; não o esperdices nessa galanteria de salão, que torna um homem frívolo e incapaz de afeições sérias.

FREDERICO

Póde estar descansado a este respeito, meu pai. Sinto que quando amar uma vez, será por toda a minha vida.

RIBEIRO

Bem sei; conheço tua alma; por isso mesmo não a deves entregar senão á mulher que fôr digna de a receber.

FREDERICO

Seria a desgraça de minha vida. Mas creio que o coração

tem seu instincto; si algum dia sentir uma affeição, a moça que a inspirar deve ser um anjo de pureza.

RIBEIRO

Como achaste essa moça á quem davas o braço a pouco?

FREDERICO

D. Lina Vianna?

RIBEIRO

Sim. Vi-te dansar com ella.

FREDERICO

E' uma linda moça! Que semblante angelico! Respira a bondade de sua alma.

RIBEIRO

E' muito interessante, e tem tanto espirito como belleza.

FREDERICO

Conversei com ella pouco tempo, mas fiquei encantado. Meu pai tem relações com a familia?

RIBEIRO

Conheço-a de vista apenas; mas isto não é motivo para que deixes de frequentar sua casa se te offerecerem. Quem te apresentou a ella?

FREDERICO

O Sr. Tavares. A mãi recebeu-me muito bem. E' uma excellente senhora.

RIBEIRO

Dizem que não é feliz. Tem soffrido muito!

FREDERICO

Não parece ! Quem a vê ao lado da filha toma-a por uma irmã mais velha. Deve ter sido muito bonita.

RIBEIRO

Nem fazes idéa !. Era linda !..

FREDERICO

Ah ! meu pai a conheceu quando moça ?

RIBEIRO

Vi-a algumas vezes. de' passagem. E o marido como te tratou ?

FREDERICO

Com alguma frieza.

RIBEIRO

Não dês importancia a isto ! Elle é naturalmente secco !... Deves ir adquirindo relações por ti mesmo ; eu vivo bastante retirado, já não t'as posso dar ! (*toma-lhe o braço*). Trata de frequentar essa casa.

SCENA XI

Vieira e Tavares

TAVARES

Então o que foi isto commendador ? De que ri-se ?

VIEIRA (*rindo*)

Uma descoberta interessante ! magnifica !

TAVARES

Conte-nos isso, não seja egoista. Alguma anedocta ?

VIEIRA

E' cousa melhor ! Mas o senhor não a conheceu, não póde achar graça.

TAVARES

Diga sempre.

VIEIRA

Ouvio fallar alguma vez de uma celebre Carolina ? Uma mulher que outr'ora foi o escandalo do Rio de Janeiro ?

TAVARES

Alguma mulher da rua ?

VIEIRA

Da praça publica, meu caro Sr. Tavares. Um verdadeiro demonio em carne e osso.

TAVARES

E' gente que não conheço, nem mesmo de nome, commendador. Um homem serio, como eu, deve zelar sua reputação.

VIEIRA

Certamente ! A gente de nossa classe não se mistura com essa ralé. Pois a tal Carolina depois de fazer mil diabruras, entre outras a de arruinar um pobre rapaz a quem a fortuna do pai fazia coegas na algibeira, cahio na miseria.

TAVARES

Era de esperar

VIEIRA.

Suppunha que ella tinha morrido. Estive alguns annos ausente do Rio de Janeiro, tratando de certos negocios, e nunca mais tive noticias della, nem de sua companheira, uma tal Helena, uma verdadeira harpia.

TAVARES

Mas pelo que vejo, o senhor as conheceu de perto.

VIEIRA

Nada, meu amigo ; apenas de reputação.

TAVARES (*rindo*)

De reputação ! A palavra tem seu chiste.

VIEIRA (*ri-se*)

Veio a proposito !... De reputação unicamente. Fui sempre um homem de salão, meu caro Sr. Tavares ; tirando-me disto, estou fóra do meu elemento. Figure qual não seria meu espanto julgando reconhecer a pouco.

TAVARES

Quem ? A tal moça ?

VIEIRA

A celebre Carolina.

TAVARES

Aonde ? Vi-a passar na rua ?

VIEIRA

Vi-a passar na sala, nesta sala de baile.

TAVARES

Não é possível ! Uma semelhante ousadia, commendador !

VIEIRA

O mais engraçado porém, não é isto. Sabe quem lhe dava o braço ?

TAVARES

Algum figurão.

VIEIRA

O Pinheiro ! O sujeito a quem ella depennou ! O senhor não se ri ? . . Não acha, comico ?

TAVARES

Ao contrario, commendador, se isto é verdade acho que é summamente grave ; e que os homens sisudos devem lamentar um facto desta ordem.

SCENA XII

Os mesmos, o Barão e D. Paulina

D. PAULINA

Então, meus senhores, não vão dansar ? De que ri-se de tão boa vontade, commendador ?

TAVARES

De uma cousa que devia excitar outro sentimento que não a hilaridade.

VIEIRA

O Sr. Tavares é um character severo, D. Paulina ; por isso não repare. Mas a cousa é para rir !

D. PAULINA

E não se póde saber o que é. Serviremos de juizes.

VIEIRA

Si V. Ex. quer aceitar meu braço, terei dous prazeres; o de satisfaze-la, e gosar da ventura de sentir-me a seu lado.

D. PAULINA

O Sr. Barão permite ? (*Vieira e Paulina afastão-se.*)

TAVARES

Ainda não sabe ?

BARÃO

O que meu senhor ?

TAVARES

Que a moralidade publica acaba de ser enxovalhada.

BARÃO

Não me admira, Sr. Tavares ; quando a moralidade publica aperta a mão a um commendador Vieira, não póde esperar outra cousa.

TAVARES

Ou V. Ex. não me entendeu ; ou sou eu que não entendo á V. Ex.

BARÃO

E' possível uma e outra cousa.

SCENA XIII

Os mesmos, Carolina, Pinheiro e Menezes.

CAROLINA

Sentemo-nos alli. Emquanto se dança poderemos continuar a nossa conversa.

RIBEIRO

Sim, minha senhora.

TAVARES

Não tem querido dansar, D. Carolina.

CAROLINA

Já goso desse direito, Sr. Tavares; tenho uma filha moça que faz as minhas vezes.

TAVARES

Ora isso não impede! Mas com licença... Vou-me retirando.

CAROLINA

Ainda é cedo. (*Entra Menezes.*)

TAVARES

Acabo de saber uma cousa que me tira a vontade de ficar aqui. A reputação de Sophia me impõe uma grave responsabilidade. E V. Ex. também está no mesmo caso.

CAROLINA

Não o comprehendo, Sr. Tavares. A reunião em que nos achamos me tranquillisa a este respeito. Demais, deposito a maior confiança em minha filha.

TAVARES

Quando a senhora souber...

MENEZES

O que Sr. Tavares ?

TAVARES

Boa noite ! Boa noite ! Um homem sisudo não se deve incumbir de divulgar certos escandalos !

MENEZES (*ao barão*)

Velho jesuita !

BARÃO (*a Menezes*)

Escuta.

CAROLINA (*idem*)

Meu amigo, desejava fallar-lhe.

MENEZES

Já lhe quiz offerecer meu braço por duas vezes, mas fui prevenido.

CAROLINA

Eu o acceitarei d'aqui a um instante.

Menezes e Araujo afastão-se de um lado, Carolina e Pinheiro vão sentar-se do outro.

BARÃO

Não sabes ? o Vieirinha reconheceu Carolina !

MENEZES

Quem t'o disse ?

BARÃO

Ninguem !. Suspeitei por certas palavras do Tavares.

SCENA XIV

Carolina, Pinheiro, Menezes e Araujo.

CAROLINA

Repito, Sr. Pinheiro ! Todo o mal que eu lhe fiz outr'ora não vale a punição que soffro neste momento. Ah ! ninguem póde imaginar que esforço de vontade é necessario para que me anime a dar o bço ao senhor.... ao senhor, que me conheceu, e sabe o que fui !

PINHEIRO

Não falle mais d'isto, D. Carolina ; ninguem neste mundo está isento de culpa ; e quem remio a sua tão nobremente, como a senhora, tem o direito de esquecer o passado.

CAROLINA

Não posso nem devo esquece-lo. E' preciso que o tenha sempre vivo e presente para me punir e reparar o mal que fiz. Nestes treze annos, é essa esperanza que me tem feito viver. Deus, no meio das torturas que soffro, me deu um supremo consolo, permittindo que eu fechasse algumas chagas que abri. Faltava uma.... a miseria a que o reduzi ! Mas elle compadeceu-se de mim, tirando-me este pezo da consciencia, e réstituindo-lhe por minha mão, o que por minha mão lhe arrancou !

PINHEIRO

Que diz D. Carolina ?

CAROLINA

Tenho uma amiga, filha de um rico fazendeiro ; é uma moça boa e pura como um anjo, e bonita. Não lhe conviria esse casamento ?

PINHEIRO

.Ora ! D. Carolina ! Na posição em que estou, nem um pai se animará a dar-me sua filha. Além de que essa senhora nem sabe que existo.

CAROLINA

Ella já o estima, Sr. Pinheiro. Si não me engano já lhe tem sympathia.

PINHEIRO

A mim? então já me viu?

CAROLINA

Já.

PINHEIRO

Aonde?

CAROLINA

Já o viu pelos meus olhos. O senhor não sabe que o coração puro de uma menina, é uma cêra branda onde se imprime o que se deseja? Vali-me da amizade para imprimir nelle uma affeição, que deve fazer a felicidade de ambos. Seus pais lhe deixão a liberdade de escolher um marido, mesmo pobre. Ainda duvida? Não acceita?

PINHEIRO

O que a senhora me diz é tão novo e estranho para mim, que não lhe sei responder, D. Carolina.

CAROLINA

Reflecta, Sr. Pinheiro! Si acceitar, eu lhe apresentarei. Tive hontem noticias d'ella; está a chegar á côrte: talvez no dia dos annos de Lina jante em minha casa.

PINHEIRO

Não posso saber seu nome?

CAROLINA

Antes do senhor decidir-se a vê-la seria uma indiscripção

de minha parte. Reflecta, já lhe disse. Esse casamento será uma alegria para mim. Dando a ambos a felicidade, cumpro meu dever de amizade para ella, e reparo uma falta. Quando me dará a resposta ?

PINHEIRO

A'manhã, se quizer.

CAROLINA

Bem ; agora permitta-me que o deixe. Seu braço meu amigo.

BARÃO

Não são horas de retirar-se Carolina ?

CAROLINA

Estou á espera de Luiz ; veja se o resolve.

SCENA XV

Carolina e Menezes.

(Passeiãõ de um lado a outro do terraço.)

MENEZES

Tem-se divertido, Carolina ?

CAROLINA

Essa pergunta, meu amigo, não vem do seu coração. Eu a tomaria por um sarcasmo, si não percebesse sua perturbação, vendo-me aqui no meio de um baile.

MENEZES

Confesso, Carolina, que não esperava encontra-la nesta casa.

CAROLINA

Julga que fiz mal? Diga, meu amigo; seja severo como costuma. Sabe que essa severidade é um direito da sua velha amisade; e um de seus maiores titulos á minha estima. Fiz mal, não é verdade?

MENEZES

Commetteu uma imprudencia; seu lugar não é aqui, Carolina. Os anjos não podem rolar nos tapetes de veludo que cobrem os salões; nem viver nesse espaço intermedio onde gravita a sociedade. Ou elles perdem as azas e cahem no pó, ou soltão o vô e plainão sobre este mundo de miserias e prejuizos. No seio de sua familia, na solidão de sua consciencia, no mysterio de sua intelligente caridade, é você uma santa, Carolina; aqui neste baile, não passa de uma mulher infeliz que a sociedade lamenta, mas condemna.

CAROLINA

E a sociedade tem razão!

MENEZES

Como instituição, como lei humana, de certo!

CAROLINA

Reconheço que não devia ter vindo; mas talvez que o motivo que me trouxe justifique á seus olhos essa falta.

MENEZES

Luiz exigio?

CAROLINA

Não.

MENEZES

Forão então as instancias de Lina?

CAROLINA

Em parte; mas o principal motivo foi outro. Eu lhe

digo. Até hoje, Menezes, tenho vivido entre os meus, na intimidade de alguns amigos sinceros que me cercão de attentões e respeitos que não mereço. No retiro da fazenda ou mesmo aqui na cõrte, a reprobção do mundo se cá por fóra fazia algum rumor, não penetrava naquelle santuario da familia e da amisade. Eu não sentia essa reprobção; e devia senti-la para expiação dos meus erros. E' justo que a mulher que outr'ora escandalisou a sociedade e affrontou a indignação publica, de cabeça erguida e sorriso desdenhoso, se curve diante dessa mesma sociedade, esmagada pelo desprezo publico, com a fronte abatida, e as faces cuspidas dos risos e olhares de esçarneo que lhe atirão passando.

MENEZES

Carolina !

CAROLINA

E' justo, sim ! Eis o que vim fazer a este baile. Não foi a mulher infeliz, como disse ha pouco ; foi a victima expiatoria de um sacrificio, que arrastada pela consciencia, atravessou esta noite os salões dourados presa ao braço do seu antigo amante, a quem ella arruinou ! Ouvi dizer que antigamente se atavão os assassinos aos cadaveres de suas victimas ! Pois eu tive essa coragem, meu amigo ! Não era preciso tanta para matar-me, acredite !

MENEZES

Acredito, Carolina : esse suplicio deve ser cruel, e não tinha o direito de impô-lo á sua alma. Mas basta ; é tempo de retirar-se. Lembre-se que tem uma filha, um marido; e amigos sinceros. Se esta imprudencia der lugar a algum factu desagradavel não será a unica a soffrer.

CAROLINA

Por minha vontade já me tinha retirado ; ha muito senti que me faltão as forças. Leve-me ao toilette. (*Sahem.*)

XVI

Vieira e D. Paulina.

VIEIRA

Não é possível encontra-la ! Pois ha pouco pareceu-me vel-a aqui ?

D. PAULINA

O senhor diz que ella tem um vestido côr de café com enfeites pretos...

VIEIRA

De velludo !

D. PAULINA

Só me lembra de ter visto assim D. Carolina, a mulher do Vianna.

VIEIRA

Que Vianna ? A tal chama-se Carolina tambem.

D. PAULINA

Vianna... Um sujeito de Rezende.

VIEIRA

Não conheço ! mas esta não póde ser casada, D. Paulina ! Não ha homem com semelhante coragem.

D. PAULINA

Vejamos deste lado !

VIEIRA

Mas lembre-se do que lhe disse. Todo o serviço tem sua recompensa.

D. PAULINA

O senhor assegura-me que ella foi amante de meu marido ?

VIEIRA

Juro-lhe.

D. PAULINA

Pois bem ; se fôr verdade, prometto-lhe que me vingarei. Está satisfeito ?

VIEIRA

É eu serei o mais feliz dos mortaes !

D. PAULINA

Meu marido terá o que merece !

SCENA XVII

Menezes, Carolinã e Fernando.

(Carolina vem de capa, prompta para retirar-se.)

MENEZES

Se Luiz não quizer ir, eu tomo sobre mim a responsabilidade. Não deve ficar aqui mais um instante !

FERNANDO

Como ! Já se retira, D. Carolina ?

CAROLINA

E' verdade ! Desculpe-me !

MENEZES

A senhora está encommoada.

FERNANDO

Ao menos quero ter a honra de dar-lhe o braço até ao seu carro. (*Menezes solta o braço de Carolina.*)

MENEZES

Vou buscar Lina.

CAROLINA

Sim, meu amigo ; e não se demore. (*Menezes sahe.*)

FERNANDO

Não me quiz dar esta noite o prazer de dansar uma contradansa comigo : e retira-se sem deixar-me se quer uma esperança !

CAROLINA

Tenha compaixão de mim, Sr. Fernando !

FERNANDO

Perdoe-me se a offendi, D. Carolina. Não julguei que fosse hoje um crime pedir-lhe hoje um pouco da afeição que lhe mereci em outro tempo.

CAROLINA

E' justamente porque me conheceu nesses tempos ; porque foi testemunha da minha vergonha, que o senhor era o menos proprio para me fallar em amor. Julga-me pelo que fui ?

FERNANDO

Não diga isso, minha senhora.

CAROLINA

Não era sua intenção talvez : mas não se lembrou que minha consciencia não podia dar outra significação ás palavras que me tem dito esta noite.

FERNANDO

Estava tão longe de pensar que as tomasse nesse sentido, sabendo o respeito com que a trato !...

CAROLINA

Esse respeito eu o mereço, não pela virtude que não tenho, mas pela desgraça que peza sobre mim. O senhor queria ha pouco que eu lhe desse uma esperança criminosa : eu deixo-lhe uma melhor realidade. Dê um olhar á sua mulher ; verá que D. Paulina merece mais do que outra seu amor e a sua estima.

SCENA XVIII

Os mesmos, D. Paulina e Vieira.

(D. Paulina vendo o marido solta o braço de Vieira ;
este esquivava-se.)

D. PAULINA

Senhor, isto é uma indignidade !

FERNANDO

O que, senhora ?

D. PAULINA

Receber em minha casa uma dessas mulheres á tôa,
que depois de ter praticado toda a casta de escandalos, tem
a mania de se fingirem honesta !... N'um baile !

FERNANDO

Não é possível, Paulina. Quem lhe disse ? (*Perturbação de Carolina.*)

D. PAULINA

Uma pessoa que a conheceu outr'ora affirmou-me que a
tinha visto....na sala, ha pouco. E' uma celebre Carolina,
que o senhor bem conhece !

CAROLINA

Ah !

FERNANDO

Calle-se !

D. PAULINA

Oh ! Eu sei que foi sua amante ; e é por isso que o se-
nhor teve a coragem de convida-la ; mas devia saber que
não levo a minha condescendencia a este ponto !

FERNANDO

Não vê, senhora, que está representando uma scena ri-
dicula ? Quer que a oução ?

D. PAULINA (*para Carolina*)

E' incrível, minha amiga, o como esses senhores nos tratão, a nós suas mulheres. Não respeitão nem mesmo as conveniencias ! Mas que tem a senhora ?

CAROLINA

Nada ! Queria retirar-me ! Sinto-me morrer !...

FERNANDO

Venha, minha senhora !

D. PAULINA (*a Fernando*)

Ah ! pensa que isto ha de ficar assim !... Está enganado ! Exijo que o senhor faça já sahir de minha casa sua amante !

FERNANDO

Não seja imprudente, minha mulher !

D. PAULINA

Bem ! sei o que devo fazer ! Vou já mandar expulsa-la pelos meus criados ! (*Menezes apparece*).

CAROLINA

E' justo, méu Deus (*desmaia.*)

FERNANXDO

Eis o que a senhora queria.

D. PAULINA

O que ? Que significa isto.

MENEZES

Eu lhe digo, minha senhora! (*de parte e a meia voz*): Só a esposa honesta tem o direito de atirar a pedra á peccadora que se regenerou !...

Acto II

Na casa de Luiz. — Sala de visitas.

SCENA I

Luiz e Lina.

(Luiz entra da rua.)

LINA

Bom dia papai.

LUIZ

Estava justamente á tua espera, para ver como te fica esta pulseira.

LINA

Ah! que linda! (*beija-o na face*) obrigada, bom papai, obrigada!...

LUIZ

Nesta cercadura ha dezeseis roças; são os teus dezeseis annos floridos!

LINA

Papai tem muito bom gosto!

LUIZ

O gosto não foi meu, porém de uma pessoa que te quer muito.

LINA

De mamãe?

LUIZ

Não ! De tua maior amiga. Não adivinhas ?

LINA

Sophia ?

LUIZ

Ella mesma !

LINA

Ora ! eu apreciaria mais si fosse o seu gosto.

LUIZ

E tambem foi, combinamos ambos na escolha (*pausa*). Mas vamos a saber... Como arranjaste tua festa ?

LINA

Eu lhe digo. Temos um perú gordo, e um leitãozinho que vierão da fazenda. Mamã encommendou duas gelatinas e uma pyramide de camarões, na casa do Carceller. Meu padrinho manda as flôres e as fructas da chacara. E daqui a pouco eu vou fazer um prato de creme. Mas não é só isto !... Havemos de ter sorvetes !...

LUIZ

Bem ! bem ! Já se sabe que és uma excellente dona de casa.

LINA

E não diga brincando ! Mamã prometeu-me que havia de descançar da lida da casa, quando eu completasse meus dezeseis annos. Portanto de hoje em diante faça obsequio de respeitar-me !

LUIZ

Bravo ! Já me estás com uns ares de matrona !

LINA

Hade vêr como esta casa andará em ordem !

LUIZ

Começando por hoje. Aposto que não sabes ainda quem são teus convidados ?

LINA

Ora ? Os do costume. Meu padrinho, Menezes, Sophia e o pai. Só tem de mais Amelia, a mãe e o noivo !

LUIZ

Não disse ? Ainda faltão tres.

LINA

Quaes ?

LUIZ

Depois saberás ! Escreveste a Sophia ?

LINA

Fallei-lhe eu mesma no baile do Fernando.

LUIZ

E ella te prometteu vir sem falta ?... Talvez procure algum pretexto...

LINA

Sophia !... Só estando de cama.

LUIZ

Escreve-lhe sempre.

SCENA II

Os mesmos e Carolina.

LINA

Olhe mamã, que linda pulseira papai me deu!

CAROLINA

Está realmente muito bonita e delicada.

LINA

Dezesseis rosas na cercadura... Viu mamã? Como é animoso!

CAROLINA

Tambem trago-te meu presente de annos. Não é rico e elegante, mas deve ser para ti, como foi para mim, de grande preço!

LINA

Basta vir de sua mão, boa e querida mamã.

CAROLINA

Vês estas fitas azues?... Estão já desbotadas! Ha dezoito annos que teu pai me deu estes laços para com elles me enfeitar quando fosse á missa.

LINA

Ah! Eu quero beija-las!

CAROLINA

Eu era então moça, alegre, innocente e bonita como tu, Lina!... Tudo passa!... Um dia cahirão-me na rua os meus laços azues... Chorei muito, muito!... Mas felizmente teu pai os achou outra vez e m'os trouxe!

LUIZ

Que necessidade ha de recordar o passado ?

LINA

E' verdade !... não vá agora ficar triste, boa mamãi.

CAROLINA

Não : neste dia devo estar contente. Restituindo-me os laços que eu perdera, Luiz me disse: « São as azas de um anjo. » E pediu-me que os guardasse para minha... para nossa filha !

LINA

Querido papai !

CAROLINA

Aqui os tens, Lina. E's um anjo de candura e bondade ; cubrão-te estas azas como um manto celeste, e á sombra dellas vicem as rosas de tuas bellezas.

LINA

Sou capaz de jurar que fiquei tão bonita com ellas, como era mamãi (*Vai ao espelho.*)

LUIZ

Que extravagante lembrança !

CAROLINA

Porque, Luiz ?

LUIZ

Ha certas cousas que se devem esquecer; e quando isso não é de todo possível, acho de mau gosto fazer ostentação dellas.

CAROLINA (*meia voz*)

Enganou-se na palavra; expiação é que devia dizer, Luiz.

LUIZ

Não discutamos. Opponho-me a que Lina ande com estas fitas. Vai tira-las, minha filha !

LINA

Porque, papai ? Um presente de mamãe no dia de meus annos !

LUIZ

Quem gosta dessas reliquias, póde guarda-las ; mas não as anda mostrando : seria prestar-se ao ridiculo. Que figura farias com umas fitas desbotadas nos cabellos e um vestido novo ?

LINA

Quando souberem quem m'as deu e porque estão desbotadas, hão de acha-las bem bonitas.

LUIZ

Não sejas teimosa. Vae tira-las, já disse.

LINA

Pois tire, papai, si quizer, eu não. Mamãe ahi as deitou, eu não lhes toco.

LUIZ

E' justo !... Ella é tua mai !...

CAROLINA

Luiz !... Vem cá, Lina ! Teu pai tem razão. Dei-te estas fitas como uma lembrança, para as conservares em memoria de tua mãe. Não servem para enfeite. Pede perdão a teu pai do que lhe disseste !

LINA

Me perdoa, papai ?

LUIZ

Está bem ; vae cuidar dos arranjos de tua festa !

LINA

E' verdade, mamãe, sabe que teremos mais tres convidados ?

CAROLINA

Nada sei, minha filha.

LUIZ

Convidei algumas pessoas mais.

LINA

São precisos doze talheres !... Ora o jantar chega !
Vinte que fossem ! Com licença, vou dar minhas ordens
ao cosinheiro, e mandar Manoel pôr mais uma taboa na
mesa.

SCENA III

Luiz e Carolina

CAROLINA

São pessoas de cerimonia os outros convidados ?

LUIZ

Dê cerimonia ?... não ; sabem que é um jantar de familia. O Fernando, a mulher e o Dr. Ribeirinho.

CAROLINA

Não é possivel ! Meu Deus !...

LUIZ

De que provem semelhante espanto ?

CAROLINA

Pois Luiz, depois do que se passou !... Quer que eu receba em minha casa essa senhora que tão cruelmente me insultou ?...

LUIZ

Não exagere as cousas, Carolina. O que houve foi apenas um equívoco innocente, causado por aquelle intrigante do Vieira. O Fernando já me deu uma completa satisfação. Demais em principio esses escrupulos são infalíveis, apesar de termos vivido tanto tempo arredados da côrte: é preciso pois soffrer-los com paciencia e esperar que o habito os faça cessar.

CAROLINA

Ninguem soffre com resignação maior do que eu essas e outras ainda mais duras provanças. Aceito-as como as penas de minha longa expiação ; e depois que as passo, sinto dentro em mim um grande contentamento, porque me julgo melhor e mais remida da culpa. Tão corajosa, porém, sou eu para arrostar o castigo que Deus me inflige, quanto me encho de terror só de pensar que uma palavra, uma revelação cruel possa perturbar a serena innocencia de minha filha !

LUIZ

Realmente não sei que prazer é este seu, Carolina, de estar sempre a repetir e fantasiar cousas desagradaveis !

CAROLINA

Custa-lhe muito appacar os sustos de uma mãe já tão infeliz, sejam elles embora imaginarios ?...

LUIZ

Que havia eu de fazer ?... Estou em taes relações com o Fernando, que seria uma imprudencia não convidá-lo ; e convidá-lo sem a mulher era peor ainda, era uma grosseria.

CAROLINA

E cuida que D. Paulina se digna descer ao ponte de vir á nossa casa ?

LUIZ

Porque não ? Asseguro-lhe que ha de vir.

CAROLINA

Si visse que o marido daquella a quem insultou se offendêra com o seu procedimento, talvez viesse para desculpar-se. Mas estou certa que aproveitará mais essa occasião para desfeitear-nos.

LUIZ

Veremos.

CAROLINA

E o outro seu convidado, Luiz, o Dr. Ribeirinho...

LUIZ

Tambem a insultou ?

CAROLINA

Esse me horrorisa, Luiz ! Não tive animo de lhe dizer ainda. Esse moço dansou com Lina no baile do Fernando, e notei que ambos parecião muito inclinados um ao outro. Si acabarem por se gostar !

LUIZ

Que tem isso ? E' um bom casamento !

CAROLINA

Casamento, Luiz?... Não se lembra então ? O filho do Ribeiro !

LUIZ

E' verdade ! nem me occorreu, habituado como estou a considera-la minha filha !

CAROLINA

Será por isso, ou porque anda tão alheio da familia, que nem se lembra della?

LUIZ

Temos agora recriminações?... Não é occasião propria.

CAROLINA

Descanse; nunca as ouvirá de mim. Sei bem que não tenho direito de faze-las. Mas Luiz, eu lhe supplico, não chame esse moço para nossa casa! Si soubesse o terror que se apoderou de mim.

LUIZ

Seja razoavel. Pois entre tantas moças que ha neste Rio de Janeiro, o Ribeirinho havia logo de namorar-se de Lina? Não está vendo que é um desproposito?

CAROLINA

Tudo é possivel para minha punição.

LUIZ

Bem; outra vez não o convidarei.

ESCRAVO

Está ahi o Sr. Tavares.

CAROLINA

Tão cedo!

LUIZ

Que entre.

CAROLINA

Eu vou-me vestir antes que cheguem outras pessoas.

SCENA IV

Luiz e Tavares

LUIZ

Veio só ?

TAVARES

E' verdade ! succedem cousas !...

LUIZ

O que foi ? D. Sophia adoeceu ?

TAVARES

Não, não foi isso felizmente ; porém um contratempo com que não contava. De repente sem esperar chegamos o commendador Vieira em casa, e fez-se de convidado para jantar.

LUIZ

· Não me admiro. Está nos seus habitos.

TAVARES

Pois eu confesso ao meu amigo que estranhei assás semelhante procedimento, que não me parece de um homem grave !

LUIZ

Mas em todo o caso isso não era um obstaculo. Devia dizer ao tal senhor que estava comprometido a jantar em nossa casa.

TAVARES

Acanhei-me. Bem sabe o meu amigo que é necessario na sociedade ter certas contemplações.

LUIZ

Ora ; contemplações com Vieira !

TAVARES

E' amigo do Fernando a quem sou devedor de muitas finezas; demais consta-me que é uma lingua terrivel, e máo para inimigo. Um homem de certa posição deve zelar muito a gravidade de seu character.

LUIZ

Nunca esperei da sua parte semelhante cousa, Sr. Tavares. Faltar a um convite meu, para não contrariar um estranho.

TAVARES

Porisso mesmo que o meu amigo me honra com sua estima, julguei que mais facilmente me desculparia. Acredite que sinto bastante este contratempo.

LUIZ

Não acceito desculpa alguma. Escreva um bilhete ao Vieira avisando-o do compromisso que tomou e venha jantar comnosco. A's tres horas eu o espero.

TAVARES

Havia um meio ainda de arranjar tudo.

LUIZ

Qual? Diga !...

TAVARES

Era trazer o Vieira comnosco; mas o meu amigo não gosta d'elle; o melhor é não pensar nisto.

LUIZ

Aquelle infame em minha casa? De forma alguma!

TAVARES

Eu previa isso. Entretanto não anda elle pelas melhores casas? Pois nós é que havemos de endireitar o mundo?

Repugna com effeito ao caracter de um homem sisudo
haver de se associar com gente dessa laia, mas é preciso que hajão
mãos para os bons valerem de alguma cousa. Passar bem
Sr. Vianna. Repito ao meu amigo que muito pesar...

LUIZ

Eu o espero! Si de todo não se poder descartar do
Vieira...

TAVARES

Que fazer então?

LUIZ

Nesse caso... traga-o...

TAVARES

Bem! bem! Até logo!

LUIZ

Mas faça o possivel...

TAVARES

Sim! Sim!

—

SCENA IV

Menezes e Helena.

(Menezes entra primeiro, depois Helena que pára na porta.)

HELENA

Não é o Sr. Menezes?

MENEZES

Creio que já a vi; mas ha muito tempo!

HELENA

Tão velha e acabada estou eu que não me conhece!
Aposto que já nem se lembra mais da Helena?...

MENEZES

Ah! Com effeito era preciso adivinhar. Como podia eu reconhecer uma borboleta em figura de barata?

HELENA

E' para vêr como a gente muda! Bem o senhor me dizia.

MENEZES

Mas que veio você fazer a esta casa, mulher? Não sabe que sua presença aqui só póde trazer desgosto e tristeza? Si a falta de meios a obriga a pedir, tome e retire-se já!

HELENA

Não tenha susto, Sr. Menezes. Venho a esta casa porque sou chamada.

MENEZES

Duvido. Quem a chamou?

HELENA

Ella mesma.

MENEZES

D. Carolina?

HELENA

Eu lhe conto; é segredo; ella não quer que diga a ninguem; mas o senhor não me compromette. Não sei porque é que se ha de esconder o bem que se faz!...

MENEZES

Venha o tal segredo.

HELENA

Fazem dois annos que ella me vio passar na rua doente e pedindo esmola; mandou-me chamar para saber das minhas desgraças e deu-me alguma cousinha para viver e um emprego para trabalhar.

MENEZES (*rindo*)

Um emprego!... Muita habilidade tem D. Carolina se descobriu em você prestimo para alguma cousa boa.

HELENA

Pois olhe! sou a caixeira dos pobres.

MENEZES

Ah! Ella cuida dos pobres?

HELENA

Não pense que são os pobres que andão por ahi a pedinchar pelas ruas e igrejas, como eu já andei. Nada; os nossos são os pobres que trabalham e tem vergonha de pedir quando lhes falta o necessario.

MENEZES

O teu emprego de caixeira consiste então em levar-lhes a esmola.

HELENA

Pois não! Ella diz...

MENEZES

Ella não, a Sra. D. Carolina!

HELENA

A Sra. D. Carolina diz que a esmola faz a gente preguiçosa; é preciso ajudar as taes sujeitinhas, mas obrigando-as a trabalhar.

MENEZES

E como consegue ella isso?

HELENA

Faça de conta que, nesta rua tem uma pobre mulher cos-

tureira, que está doente e não póde trabalhar ; como não ganha nem tem quem lhe fie, lhe fica a roupa toda suja, então eu tomo-a para lavar e dou-a á lavadeira que mora n'outra rua. Quando a roupa está prompta pago com o dinheiro que a senhora me dá ; a costureira fica-me devendo e pensa que fui eu quem lhe lavei a roupa. Eu ponho-me em cima della todos os dias a cobrar, grito, ralho, até que por fim ella paga de seu trabalho.

MENEZES

E' bonito, é ; mas tenho meus recêios que a caixeira não tire sua porcentagem desses empréstimos.

HELENA

Ah ! Sr. Menezes!... Ahi vem ella. Disfarce!

SCENA VI

Os mesmos e Carolina.

CAROLINA

Não sabia que já tinha chegado.

MENEZES

Como passou de hontem ?

CAROLINA

Bem. Deixe-me fallar a esta velha.

MENEZES

Muito me sorprehende, Carolina, encontrar Helena em sua casa.

CAROLINA

Você a reconheceu ? Não é a mesma mulher, acredite.

MENEZES

Tem certeza disso ? Não a está ella enganando ?

CAROLINA

Posso assegurar-lhe que seu arrependimento é sincero.

MENEZES

A prova ?

CAROLINA

Tenho-a incumbido ás vezes de certas costuras...

MENEZES

Ella tudo me confessou, Carolina. E' mais uma das suas obras de beneficencia. Não se envergonhe por isso !

CAROLINA

Pois bem, já que sabe, posso fallar-lhe abertamente. Para experimentar, Helena, incumbi a outra pessoa de indagar do que ella fazia e nunca a achei em falta.

MENEZES

Ainda assim ; não gosto de ver essa mulher em sua casa, Carolina. Creio que você podia achar outro instrumento melhor para sua caridade.

CAROLINA

Neste ponto não lhe dou razão. Ella foi o instrumento do erro ; Deus a destinou para instrumento da reparação.

MENEZES

Não lhe dóe porém o contacto dessa mulher ?

CAROLINA

Por isso mesmo !

MENEZES

Ha exaggeração nessa severidade.

CAROLINA

Diz a minha consciencia que não; mas quando houvesse eu não me devia esquivar a um constrangimento que salva essa pobre mulher. Estou convencida que ninguém senão eu a podia arrancar ao vicio... Sabe porque? pela razão de me ter visto outr'ora a par com ella.

MENEZES

Não diga isto!

CAROLINA

Eu sou para esta mulher, a fé e a esperança; seja você a caridade!... Venha cá, Helena!

HELENA

Não vim mais cedo, porque só agora, chegando, recebi o recado.

CAROLINA

Mandei-a chamar para lhe dar uma nova incumbencia.

HELENA

Estou prompta.

CAROLINA

Lina faz hoje dezeseis annos; quero dotar em seu nome uma moça pobre e bem procedida. Conhece alguma que esteja neste caso?

HELENA

Não; mas posso indagar.

CAROLINA

Devia ter-me lembrado disso ha mais tempo para que o dote fosse dado no dia de hoje.

HELENA

Até á noite ainda se póde fazer muita cousa.

CAROLINA

Pois veja si me obtem isso !

HELENA

Vou já.

CAROLINA (*a Menezes*)

Diga-lhe uma boa palavra !

MENEZES

Helena, eu sabia que a serpente tentou a mulher ; vejo agora que ha anjos que convertem demonios !

HELENA

E' verdade !... se não fosse ella !...

SCENA VII

Carolina e Menezes.

MENEZES

Ha quinze dias que estou para lhe fazer uma pergunta, Carolina ; desde a conversa que tivemos em casa do Fernando. Aproveito, pois, esta occasião de estarmos sós. Diga-me, o amor de Luiz já a abandonou ?

CAROLINA

Meu amigo !...

MENEZES

Bem suspeitava eu que ia ferir em sua alma uma corda dolorosa. Si você achasse um refugio no coração de Luiz, não havia de temer tanto do mundo, nem sentir tão presente um passado já remoto. Mas elle a deixa isolada no

vacuo de sua consciencia, erma de esperanças, e por isso você procura a sociedade para fugir á vida íntima, embora lhe guarde ella tantos amargores !

CAROLINA

Não sei si uma mulher pode confiar ao seu maior amigo, mesmo a seu pai, o segredo da vida conjugal !...

MENEZES

Lembrê-se que sou responsavel por seu casamento, pois consenti nelle : essa responsabilidade e a affeição que tenho a ambos me dão o direito de penetrar no santuario domestico.

CAROLINA

Tem razão. Devo confessar-lhe tudo, sim, mas por outro motivo; para que não recaia sobre Luiz, a culpa que não tem.

MENEZES

Ama-a elle ainda ?... Responda.

CAROLINA

Não, não me ama, nem podia.

MENEZES

Porque, Carolina ?

CAROLINA

Admira-lhe isso ! Ouça-me. Logo depois de celebrar-se o nosso casamento, Luiz me disse: «E's minha esposa para o mundo, Carolina ; á face de Deus serás minha irmã.» Estas palavras proferidas ainda á vista do altar forão como um voto solemne, embora secreto, de nossa união. Juramos a Deus cumpri-lo.

MENEZES

Voto impossivel !

CAROLINA

E' verdade, impossivel. A luta foi longa e terrivel ; mas deviamos succumbir afinal. Então começou o supplicio cruel de minha vida !

MENEZES

Não lhe compreendo.

CAROLINA

Nem pôde comprehender. Imagine uma creatura devorada por molestia repugnante, que tenha a desgraça de amar e ser retribuida com igual paixão !... Sentindo-se immunda e repulsiva para aquelle a quem adora, temerá a cada instante vêr o amor affogar-se em asco, a caricia transformar-se em gesto de nojo !... Imagine qual supplicio deve ser o seu ! Pois esse foi o meu, talvez mais cruel !... O amor que houvera sido minha ventura, tornou-se meu incessante martyrio !

MENEZES

Pobre Carolina ! Adivinho agora tudo.

CAROLINA

E' preciso que adivinhe porque eu não sei, nem ousou dizer-lhe ! Não ha amor que resista ás decepções que Luiz soffria ! Diga, pensa que seja possível amar uma mulher a quem se causa horror ?... Si meu marido aproximava-se de mim gelava-se-me o coração ; si me fazia uma caricia derramava-se por todo o meu ser tal angustia e espanto, que perdia a razão. Depois que essa paixão me tinha assim flagellado, deixava-me agonisando, como a victima que fustigarão até ao sangue... Mas não era sangue, era a alma que me dilaceravão !

MENEZES

E Luiz não percebia ? Nunca tentou desvanecer esse terror e soffocar á força de amor e ternura a lembrança implacavel do passado ?

CAROLINA

Muitas vezes, muitas, envolveu-me de sua ardente paixão, creou em torno de mim um outro mundo, um céo para abrigar-me n'elle. Mas tudo era inutil. Si afinal illudida me enchia das vehementes effusões de sua alma, sabe o que succedia ?... Encontrava nelle frieza e tedio, que me arrojava de novo ao passado.

MENEZES

Luiz tem uma alma entusiasta e vehemente, capaz de grandes arrojós, mas passageiros e rapidos. Eu previ que lhe havia de faltar coragem e força para essa luta !

CAROLINA

Ninguem a teria. O supplicio cruel desse amor durou annos. Luiz devia amar-me muito para resistir tanto tempo. Si pois elle já não me ama, a culpa não é sua, mas sómente minha, que não pude faze-lo feliz.

MENEZES

E' delle, porque só no caso de sentir-se capaz de subjugar essas revoltas da consciencia e da sociedade, devia ter realizado semelhante casamento. Illudiu-se ; e dessa falta não se defende.

CAROLINA

Repito, Luiz não tem a menor culpa. Quando eu, sua mulher, o absolvi do amor que me jurou, ninguem, creio eu, tem o direito de ser mais severo e perturbar a calma de sua consciencia.

MENEZES

Descanse ; não lhe direi uma palavra a tal respeito.

CAROLINA

O erro desse casamento foi meu e meu só, por ter nelle consentido : devia saber que estava morta para o amor. Tenho disso tal remorso, que se Luiz viesse a amar outra mulher.. eu soffreria horrivelmente, mas... havia de respeitar a felicidade que eu lhe não pude dar.

MENEZES

A felicidade criminosa !...

SCENA VIII

Os mesmos e Lina.

LINA

Está ahí D. Francisca, mamã! ... Ah! Sr. Menezes!

MENEZES

Bom dia e bons annos.

LINA (*na janella*)

Vem com o Sr. Pinheiro.

MENEZES (*baixo*)

Q Pinheiro, Carolina?

CAROLINA

Sim, Menezes; é noivo da filha de D. Francisca, uma das minhas amigas e rica fazendeira.

MENEZES

Perdão, Carolina!

LINA (*na janella*)

Que lindo vestido tem Amelia!

MENEZES

E' tão admiraval tudo quanto faz que vou de surpresa em surpresa. Já entendi; esse casamento foi você quem o arranjou.

CAROLINA

Causei a desgraça desse moço e elle é innocente da minha!... A vergonha que sua presença me causa não devia impedir-me de reparar o mal; o cumprimento desse dever me santifica de tal modo, que lhe confesso... Parece-me que para elle sou outra mulher!

LINA

D. Francisca vem com um luxo, mamã! E Amelia, tão envergonhada com o noivo!

SCENA IX

Os mesmos, D. Francisca, Amelia e Pinheiro.

D. FRANCISCA

Dá licença, minha amiga ?

CAROLINA

Entre D. Francisca ! (*cumprimentos geraes.*)

D. FRANCISCA

O Sr. Lopes não pôde vir porque está com sua enxaqueca. Tomei então a liberdade de trazer em lugar d'elle este meu afilhado para me carregar o sacco.

CAROLINA

Fez muito bem.

D. FRANCISCA

Tanta cousa que a gente é obrigada a trazer, o leque, o lenço, a carteira, as chavinhas, além da caixa de rapé, que eu não dispenso. O Sr. Pinheiro, este nem lhe chega o tempo para olhar Amelia. Está bem ; não fiquem ahí vermelhinhos. Hoje em dia já as creanças casão as bonecas. Não é assim mesmo, minha feiticeira?... Venha cá ! Então aposto que lhe agrada mais a côrte que a roça?... Nem se pergunta !

LINA

Gosto do lugar onde mamãe está.

D. FRANCISCA

Isso é agora. Dê cá o sacco, menino.

MENEZES

E' a primeira vez que vem á côrte, minha senhora ?

D. FRANCISCA

Qual !

CAROLINA

Tem estado aqui por diversas vezes.

D. FRANCISCA

Somos conhecidas velhas, mas cada vez que volto é como si viesse pela primeira vez. O Rio de Janeiro vai ficando mais moço e mais bonito, eu mais velha e mais feia. E' servido de uma pitada ?

MENEZES

Obrigado, minha senhora.

D. FRANCISCA

Sim, os senhores todos agora derão em fumistas; virarão canudo de chaminé, porque estamos no seculo do vapor. Nós, da roça, estamos ainda pela moda do *dominus tecum*.

MENEZES

Que quer minha senhora. Era preciso que o pobre nariz da humanidade descansasse !

D. FRANCISCA

Então agora trabalha a boca ? Mas nós as mulheres que não fumamos, que havemos de fazer ?

MENEZES

Fallar, fallar, enquanto os homens fumão.

D. FRANCISCA

Não está má a maneira de chamar-me tagarella. Mas eu não me zango, não. Meu marido é homem de poucas palavras, Amelia é o que o senhor vê, parece muda ; então fallo eu por toda a familia.

CAROLINA

Sempre alegre ! Que genio feliz !

D. FRANCISCA

Ora, minha amiga, si a gente não levar essa vida assim com cara de riso, são dois purgatorios, um neste mundo e o outro lá em cima. Ah ! Aqui está o nosso pensativo.

SCENA X

Os mesmos, Luiz e o Barão.

LUIZ

Como passou, D. Francisca? Seu marido?

D. FRANCISCA

Pois o senhor é marido e me pergunta? Não sabe da balda dos homens todos? Tem sempre uma enxaqueca á mão para não acompanharem suas mulheres.

LUIZ

Como estou em unidade, julgo mais prudente uma retirada honrosa. Que dizes? (*para Menezes apertando-lhe a mão.*)

D. FRANCISCA

E o Sr. Menezes?

LUIZ

Este é solteiro ainda!

MENEZES

E' verdade, minha senhora. Apesar de já velho, tinha esperanças de casar-me, com alguma moça miope que não me visse a calva e os cabellos brancos! Mas depois da invenção dos balões reneguei inteiramente do matrimonio.

D. FRANCISCA

Mas porque?

MENEZES

Si eu me casasse era para viver junto de minha mulher. Ora desde que o balão tomou o lugar que eu podia occupar de um ou de outro lado, julgo inutil casar-me! (*risos.*)

D. FRANCISCA

E' engraçado o tal Sr. Menezes. Pois olhe, o meu balão é dos maiores, e nunca o Sr. Lopes reparou nisso!

LUIZ

Mas o Sr. Pinheiro não tem o mesmo receio.

PINHEIRO

Não, senhor. Enquanto não se usarem balões que cubram o coração, eu espero ter sempre o meu lugar!

D. FRANCISCA

Bravo, meu futuro genro!

LINA

Não córes, Amelia!

AMELIA

Eu, não!

D. FRANCISCA

Assim, defenda o nosso sexo! E' seu dever.

MENEZES

O Sr. Pinheiro está um pouco atrasado, D. Francisca. A moda do coração já passou como a do rapé de que falamos ha pouco. A última moda agora é o charuto e o dote.

BARÃO

Este Menezes é incorrigivel!

LINA

Oh! meu padrinho!... Agradeço-lhe muito as bellas frutas que me mandou. E as flôres! São lindas!

BARÃO

Esconda isto !... *(dá um par. de bichas de diamante)*.

LINA

Para mim?... Que riqueza!... Olhe mamãe!

LUIZ

Realmente é demais, Araujo.

BARÃO

O senhor não tem ingerencia nisto!

D. FRANCISCA

E' uma peça de gosto!

MENEZES

Tambem trouxe-lhe meu presente de annos, Lina. E' a occasião de o receber. Cada um dá o que tem. Eu, dou-lhe um conselho.

LINA

E eu o receberei com muito prazer.

MENEZES

E' breve! Quando trouxer seus diamantes, Lina, lembre-se que elles tem a fórmula de uma lagrima!...

CAROLINA

Este presente, minha filha, é mais rico do que o outro. Os diamantes custão ás vezes muitas lagrimas e bem amargas!

MENEZES

Tambem se pódem resgatar.

LINA

Então não devo usar d'estas joias?

ARAÚJO

Porque não?

MENEZES

Deve, porém, modestamente e sem orgulho, como de uma flor e de uma fita!

D. FRANCISCA

E' o que eu sempre digo a Amelia; riqueza não é grandeza; assim como vem, assim vai.

CAROLINA

D. Francisca, vamos nós para a varanda? E' mais alegre. Aqui está muito calor!

D. FRANCISCA

Como quizer. Não faça ceremonias comigo.

LINA

Venha D. Amelia. Sr. Pinheiro!

D. FRANCISCA

Ouçã, Sr. Menezes. Quero saber a sua opinião...

MENEZES

Não tenho opinião, minha senhora. Opinião é uma casaca incommoda hoje em dia. Si hei de estar a vira-la a cada canto de rua, prefiro andar com o redingote da moda, que tem duas vistas.

LINA

Não vem, meu padrinho?

ARAUJO

Já vou!

SCENA XI

Barão e Luiz

BARÃO

Andas triste, Luiz.

LUIZ

Não; incommodado.

BARÃO

Do moral?

LUIZ

Não é nada!

• BARÃO

Ácho eu que é muito !... Ora pois... Durante vinte annos me pozeste no costume de te vêr desabafar o que ia lá por dentro. Era eu assim como um borrador de loja onde assentavas tudo... E agora já não me fallas de tua vida e até foges de mim ! Então...

LUIZ

Desconfiança tua !

BARÃO

Puz-me cá a parafusar e disse com meus botões : Luiz que já não me conta a sua vida, aqui ha cousa !

LUIZ

Não tenho que contar.

BARÃO

Ou tens vergonha de confessar ?

LUIZ

Vergonha porque, Araujo ?

BARÃO

Ora suppõe... E' uma supposição... que tu não fazes tua mulher feliz. Não terias remorso ?

LUIZ

Ella se queixou ?

BARÃO

Ella !... Bem sabes que morreria antes do que...

LUIZ

Eu sou o ente mais desgraçado, Araujo ! Um engano fatal fez a infelicidade de Carolina e a minha. Pensei que meu amor fosse eterno, immenso, e nada valia ! O coração do homem é um vil embusteiro ! O meu que eu julguei se consumisse todo com aquella paixão da mocidade,

aqui está ainda, o miserável, ávido e sedento de amor !
Este é o meu castigo, Araujo. Tremo dentro em mim pen-
sando que possa vir a amar outra mulher !...

BARÃO

Serás... um cobarde, se tal acontecer !

LUIZ

Um infame, bem sei !... Tu não me condemnas mais
severamente que eu proprio, e não obstante...

BARÃO

Cala-te desgraçado !...

SCENA XII

Os mesmos, Tavares, Sophia e Lina.

TAVARES

Creio que não chegamos tarde !

LUIZ

Ah ! D. Sophia !

SOPHIA

Como está D. Carolina ?

TAVARES

Excellentissimo Sr. Barão !...

BARÃO

Bom dia, meu senhor ! (*vai sahindo.*)

LINA (*entrando d Sophia*)

Julguei que não vinhas mais Já estava preparando uma
zanga que não imaginas !

TAVARES

Está hoje um calor !...

SOPHIA

Pois eu adivinhando isto trouxe-te aqui meu coração, já todo crivado de alfinetes. Não estás satisfeita, má?

LINA

Ah! E' uma pregadeira!... que mimoso trabalho!

LUIZ

Esses dedos são magicos!

SOPHIA

Si o fossem, em vez de crivarem os corações, havião de sara-los!

LINA

Olha! Vou guarda-lo aqui no meio dos butros!

SOPHIA

Nada! Isso foi lembrança, o presente é este! (*dá-lhe dois beijos nas faces.*)

TAVARES

O homem já chegou?

LUIZ

Quem? O Fernando?

TAVARES

O Vieira!

LUIZ

Pois elle vem?

TAVARES

Que tal? O meu amigo não me authorisou a convida-lo?

LUIZ

E' verdade; mas pensei que podesse desembaraçar-se delle.

TAVARES

Entre gente de certa posição não é bonito...

LUIZ

Bem. (*perturbado*) Entremos !

SCENA XIII.

Lina, Sophia, Frederico e Luiz.

SOPHIA

Então, ingrata, não me agradeces ?

LINA

O que ? Teu presente ? Quantas vezes...

SOPHIA

Não te faças desentendida ! Ficaste muito admirada de vê-lo hoje em tua casa ?

LINA

A quem ?

SOPHIA

Ora ! Ao Ribeirinho !

LINA

Mas elle não está aqui.

SOPHIA

Ainda não veio ? Então não póde tardar.

LINA

Meu Deus !... Quem o convidou ?

SOPHIA

Teu pai. Eu pedi-lhe...

LINA

Sophia !...

SOPHIA

Como cousa minha ; nem elle suspeita. Quiz fazer-te esta doce surpresa.

LINA

Oh ! que bello ! Mas vou ter uma vergonha !... Sinto que lhe quero muito bem, muito mesmo ; e quando estou junto d'elle, como outro dia no baile, fico toda tremula ; minha vontade é correr para onde está mamãi.

SOPHIA

Pois prepara-te que ahi está elle.

LINA

Não é !... será, meu Deus ?... Ah ! Sophia, me esconde.

FREDERICO

Minhas senhoras !

SOPHIA

Já havia quem reparasse na sua demora.

FREDERICO

Seria assim tão feliz ?

LINA

Socega, Sophia !

SOPHIA

Pois estás querendo fugir !

LINA

Acho melhor irmos para a varanda onde estão os outros.

SOPHIA

Que pressa é esta ?

LUIZ

Sr. Dr. Ribeiro !... Queira entrar ; as senhoras estão na varanda.

SOPHIA (*d Lina*)

Então já não queres vir ?

LINA

Agora, não ; espera.

LUIZ

As outras pessoas que esperamos não podem tardar, Lina ; vai dar tuas ordens para que o jantar não se demore.

LINA

Sim, papai !

SOPHIA

Eu vou ajudar-te.

LINA

Eu não consinto. D. Francisca está anciosa por ouvi-la cantar. Comprometti-me pela senhora.

SOPHIA

Nesse caso não quero que falte á sua palavra.

SCENA XIV

Luiz, Sophia, depois Carolina e o Barão

SOPHIA

Mas o caminho do piano não é este !

LUIZ

Foi um pretexto, Sophia, para ter um momento de fallar-lhe sem testemunhas. E' preciso que eu aproveite estes rapidos e fugitivos instantes. Quando vou á sua casa, esconde-se de mim !

SOPHIA

E não devo fazer?... Já basta o crime de ouvi-lo essas vezes em que não posso evitar.

LUIZ

Tem razão, Sophia, tem razão ! E' preciso que sua vontade, resista já que a minha alma não póde ! Repilla este cobarde, esmague-o com seu desprezo ! Mas saiba ! Este furor que se apodera de mim e me exaspera a ponto de inspirar idéas horribeis...

SOPHIA

Eu lhe peço... deixe-me...

LUIZ

E' a duvida, essa duvida cruel de não ser amado ! Si eu soubesse que seu coração palpitava alguma vez por este infeliz, Sophia, eu repousaria desse horrivel pesadelo de que a senhora possa amar outro homem e esposa-lo !... Seu amor me daria uma força heroica para vencer os arrebatamentos da paixão. Quando ouvisse resoar dentro em minha alma uma voz celeste que me dissesse, ella te ama, me sentiria venturoso na minha desgraça !

SOPHIA

O senhor illude-se ! Essa força não a deve tirar de mim, mas de sua mulher e de sua filha !...

LUIZ

Não falle desses nomes que me irritão !... Sim, porque me envergonhão !... Sabe de que é capaz um homem para aplacar o remorso que o vae roendo ?... Só a mão da mulher amada póde deitar balsemo sobre esta chaga !

SOPHIA

Pois bem, Sr. Vianna, para sua e minha tranquillidade...
(*Carolina apparece.*)

LUIZ

Acabe !

SOPHIA

Eu o amei antes de saber...

LUIZ

Amou !...

SOPHIA

E ainda o amo... por infelicidade minha!

LUIZ

Ah! (*Carolina quer fugir, vê o Barão á porta; gesto supplicante, querendo impedi-lo de continuar.*)

SOPHIA

Esta palavra que o senhor arrancou de meu coração, de onde não devêra sahir, foi nosso adeus eterno!

LUIZ

Que diz Sophia?

SOPHIA

Não nos veremos nunca mais!...

LUIZ

E' impossivel! O amor nos une... (*toma-lhe as mãos.*)

SOPHIA

Um abysmo nos separa!

LUIZ

Esse abismo... póde de um instante para outro desaparecer!...

CAROLINA

Ah! (*Querendo fugir quebra um vaso da sala.*)

SCENA XV.

Os mesmos, Carolina e o Barão.

CAROLINA

Foi este vaso, Luiz!... Que susto me causou!... (*para o Barão que a ampara.*) Felizmente não me offendeu! (*tom expressivo.*) Socegue meu amigo!... Não é nada. (*Correndo para Sophia*) Ah! D. Sophia, não a tinha visto! Como passou?... (*beija-a na face.*)

SOPHIA

Bem, obrigada!

CAROLINA

Não nos dará o prazer de cantar hoje alguma cousa?
D. Francisca hade gostar muito de ouvi-la.

SOPHIA

Quando a seuhora quizer. Estou prompta.

CAROLINA

Vá buscar D. Francisca, Luiz; podemos aproveitar o tempo antes de jantar. (*Luiz sahe*) Barão, ainda não ouviu D. Sophia cantar? Que bella voz!... (*baixo.*) Silencio, si quer que eu viva.

BARÃO

Não posso, não está em mim.

CAROLINA

Eu pude!... mate-me então!...

BARÃO

Descanse, Carolina. Nada direi.... (*Sophia preludia.*)

SCENA XVI

*Os mesmos, Luiz, D. Francisca, Menezes, Amelia,
Pinheiro, Frederico e Tavares.*

MENEZES

Que tem, Carolina!... Está de uma pallidez mortal!

CAROLINA

Um susto! Sou uma medrosa.

D. FRANCISCA

Que vae cantar, D. Sophia?...

SOPHIA

A Traviata, se lhe agrada, minha senhora.

FERNANDO (*a Carolina*)

Trago-lhe mil desculpas de minha mulher. Um incommodo repentino a privou do prazer de abraça-la hoje.

CAROLINA

Sinto, que fosse este o motivo.

FERNANDO

Não podia haver outro. (*a Luiz*) Vinha com receio de chegar tarde.

MENEZES

Os ricos nunca chegam tarde.

CREADO (*na porta*)

Desejo fallar á senhora.

CAROLINA

A mim?

CREADO

A Sra. D. Paulina da Fonseca manda dizer que é escusado convidá-la mais, porque ella não porá os pés nesta casa.

CAROLINA

Eu esperava!

FERNANDO

E' impossivel, minha mulher não mandou este recado!

MENEZES

Está certo disto, Sr. Fernando?

BARÃO (*vai a porta*)

Mas então que significa esta insolencia?

SCENA XVII

Os mesmos, Vieira e Lina.

VIEIRA (*entrando*)

Falla comigo, excellentissimo ?

BARÃO

E esta !... Que pretende o senhor aqui ?

VIEIRA

Jantar, meu caro Barão ! E são horas ; quasi cinco !...
(*Tirando o relógio.*)

MENEZES

Que fazes tu, Luiz ?

LUIZ

Eu...

MENEZES

Sim ! Que fazes que não mandas já correr de casa
aquelle réo de policia ?

LUIZ

Quem ?

TAVARES (*a Luiz*)•

Áqui está o nosso commendader.

VIEIRA

Sr. Vianna !... Peço desculpa de não chegar mais cedo ;
porém não ha uma hora que recebi por meu amigo, o
Sr. Tavares, seu gracioso convite. (*Cortejando*) Minhas
senhoras !

MENEZES (*de parte*)

Tu convidaste este ladrão, Luiz ?

LUIZ

Convidei-o, sim !

BARÃO (*de parte*)

Mentes !... Quero crer que mentes !...

CAROLINA (*idem*)

Luiz, este homem em nossa casa, em nossa mesa !

LUIZ (*idem*)

Não está ahí o Pinheiro, Carolina ?

CAROLINA

Oh ! Todos têm o direito de lançar-me este insulto ;
meu marido, não !

LINA (*entrando*)

Mamãe, o jantar está prompto !

LUIZ

Vamos, meus senhores !

VIEIRA

D. Sophia, tenho a honra de offerecer-lhe meu braço !
(*Luiz se interpõe.*)

LUIZ

Com licença, commendador ! Dê o braço á D. Francisca.

D. FRANCISCA

Nada ! Eu já tenho o do Sr. Barão.

LUIZ

Então... A' minha mulher !... Faça obsequio !

VIEIRA

Com o maior prazer (*Os outros vão sahindo.*)

CAROLINA (*de parte a Menezes*).

Não pensava ter descido tanto. meu Deus !

VIEIRA

Minha senhora. (*Menezes interpõe-se afastando Vieira.*)

MENEZES (*a Carolina*)

Recuse; isto é uma indignidade!...

CAROLINA

Não! Devo tragar o fel até á ultima gota! Restava-me ainda esta humilhação de todas a mais cruel!... Ser atada ao pelourinho!...

MENEZES

Carolina!...

CAROLINA

Seu braço, Sr. commendador?... (*pausa.*)

MENEZES (*só*)

Eis o mundo!...

Acto III

Casa do Barão.—Jardim e pavilhão.

SCENA I

O Barão e Menezes.

MENEZES

Que significa isto?... Convidas-me para jantar em tua casa com alguns amigos e venho encontrar uma festa?

BARÃO

Quiz fazer uma surpresa, a ti, como aos outros.

MENEZES

Uma surpresa, hem?

BARÃO

Ouve lá o programma. Temos cincoenta pessoas a jantar da primeira gente da côrte; a mesa está preparada embaixo das mangueiras, occulta por aquella cortina. Quasi todos os convidados já chegarão.

MENEZES

Sim! Vi uma multidão de carros á porta.

BARÃO

Além disto, espero á noite mais de quinhontas pessoas.

MENEZES

Temos um baile tambem?

BARÃO

Então?... Cuidas que dou meias festas?... Jantaremos ás seis horas; de repente as salas, o jardim, as ruas das chacaras e até os ramos das mangueiras, apparecerão illuminados. O baile virá buscar-nos á mesa... Que dizes?

MENEZES

E' um brilhante e magnifico despropósito!

BARÃO

Já queres criticar!... Anda lá, Menezes, confessa que ficaste desapontado. Tu que descobres quanta novidade ha neste Rio de Janeiro não sabias que hoje se dava um grande jantar e um grande baile, aos quaes devias assistir! (*rindo*) Ah! ah! ah!... Queres que eu te explique... Os meus convites forão entregues hoje ao meio-dia... O Cassino devia ser no sabbado; todos os toilettes estavão preparados... Então transferencia do Cassino de manhã nos jornaes... Não leste no teu?

CREADO (*entrando*)

Está ahí a velha.

BARÃO

Traga-a para cá. Já foi o carro buscar a familia do Sr. Vianna?

CREADO

Sim, excellentissimo. (*sabe*)

BARÃO

Mas vamos lá, continua com tua critica. Achas que falta alguma cousa aqui?

MENEZES

Acho.

BARÃO

O que? Musica, temos tres. O serviço é magnifico, preparado pelo Guimarães... Ah! querias arcsos...

MENEZES

Não é nada disto.

BARÃO

O que é então?

MENEZES

Juizo, juizo, juizo!

BARÃO (*ri-se*)

Ora!

SCENA II

Os mesmos e Helena.

HELENA

V. Ex. mandou-me chamar ?

BARÃO

Já te fallo meu rabujento ! (*Menezes afasta-se.*) Mandei chama-la sim e com empenho ; quero que me faça um favor.

HELENA

Eu, Sr. Barão !

BARÃO

Porque não?... Soube por meu amigo, o Sr. Menezes, que você já se tinha emendado da má vida que teve. Incumbi ahi a um sujeito de indagar disso e as informações que tive não são más. Ainda restão algumas cousinhas ; mas emfim já se póde dizer que é uma mulher bem procedida.

HELENA

Não se póde fazer tudo de uma vez, Sr. Barão ; bem trabalho comigo...

BARÃO

E continue a trabalhar que Deus lhe ajudará. Quanto ao favor que lhe quero pedir é ficar aqui esta noite.

HELENA

V. Ex. precisa que eu lhe faça algum serviço ?...

BARÃO

Depois lhe direi ; espere naquelle pavilhão e feche a porta para que não a vejão.

(*Helena entra na parte fechada do pavilhão.*)

SCENA III

Barão e Menezes.

BARÃO

Comque então me achas falto de juizo por gastar alguns contos de reis? Ora adeus! E' preciso que a gente descanse; ganhar sempre aborrece.

MENEZES

Deita as tuas barras de ouro pela janella fóra se isto te diverte; mas não as atires á cabeça de teus amigos!

BARÃO

Esta é melhor!... Mas eu não entendo.

MENEZES

Quando entrei vi o carro do Fernando; elle está ahí?

BARÃO (*sorrindo*)

Está, e D. Paulina tambem.

MENEZES

Depois do que tem havido não vês que commettes uma crueldade, pondo Carolina em face daquella mulhêr.

BARÃO

Talvez seja uma licção!

MENEZES

Eis o teu erro, Araujo, que tambem foi o erro de Luiz.

BARÃO

Tu não sabes o que eu pretendo fazer!

MENEZES

Dize-me então.

BARÃO

Nada! E' meu segredo!

MENEZES

Pois guarda-o; não preciso que me contem o que estou vendo.

BARÃO

Presumpção !

MENEZES

Em tuas salas, onde não entrei, estão neste momento além de D. Paulina e o marido, o Tavares, o Vieira, o Ribeiro, todos os que forão testemunhas do escandalo do baile, e que uma circumstancia qualquer prende á vida de Carolina.

BARÃO

Simples acaso.

MENEZES

Dos personagens que representarão no drama da vida de Carolina, só faltava uma que não podia entrar na sala. Helena espera naquelle pavilhão.

BARÃO

Que mais ?

MENEZES

Aqui em torno de mim não vejo o luxo, que o Deus moderno, o dinheiro, derramour com prodigalidade para offuscar a razão e abafar-lhe os escrupulos ?

BARÃO

Afinal que conclues ?

MENEZES

Queres seduzir o mundo, meu Araujo !

BARÃO

E duvidas que o consiga ?

MENEZES

Ao contrario ; acredito. Tens todas as condições para isso. E's muito rico, rico de pedra e cal, e não desses ricos de papellorio que andão ahi a tremer com qualquer sopro. Offereces, pois, uma garantia solida a essa barriga chamada sociedade que vive de bailes e jantares. E's honrado ; a honra pouco vale hoje em dia ; nos pobres ninguem a percebe ; mas nos ricos é um titulo aprecioado pela sua raridade, e difficil de obter-se. Com quaesquer contos de reis se é barão ou commendador em quinze dias ;

para ser honrado é preciso gastar muito milhão de coragem durante uma vida inteira ! Ora desde que apparecerem em ti symptomas suspeitos, todos te excitarão. A quéda de uma virtude é sempre applaudida pelo mundo.

BARÃO

Acabaste?... Ouve agora. Não sou como tu um homem instruido, mas tenho cá as minhas idéas. Pensei comigo !.. Carolina ainda póde ser feliz ; mas para isso é preciso que se veja rodeada do respeito e da estima do mundo ; isso destruiria a desconfiança em que vive. Ella ainda é bonita, mais do que a tal Sophia. Luiz vendo a mulher respeitada pela sociedade, esqueceria sua loucura, e se tornaria bom marido.

MENEZES

E' bonito de dizer ; mas o fazer?...

BARÃO

Não disseste que eu levarei a minha ávante ?

MENEZES

Tu !... O Barão de Castro alcançará um triumpho brilhante, porém a victima e o trophéo desse triumpho, o que sera della ? Atada ao carro do triumphador, cada applauso custará uma ironia, senão fôr um insulto, para a pobre mulher que arrastares ao teu braço.

BARÃO

Deixa-te disso ! Tambem eu conheço o mundo.

MENEZES

Tu enriqueceste nelle e eu empobreci. O mundo é uma grande creança de que nós somos os bonecos. Nunca reparaste n'uma cousa. O menino a quem se dá um brinquedo, começa por mordê-lo, e espedaça-lo ; si o brinquedo resiste, joga-o fóra ; si quebra-se, então o amima e áfaga.

BARÃO

Queres com isto dizer...

MENEZES

Si Carolina transigisse com o passado acharia na socie-

dade esquecimento e prazeres; mas tu conheces a rigidez de sua consciencia e a severidade com que ella se condemna a si mesma!... A grande creança não gosta dessas bonecas que não quebrão!...

BARÃO

Hás de vêr.

MENEZES

Desengana-te, Araujo; para as almas que se regenerão por uma sublime expiação, só ha um refugio: o santuario da familia! Si ahí Luiz não se curar de sua loucura e esquecer Sophia...

BARÃO (*para fóra*)

Por aqui!

SCENA IV

Os mesmos, Luiz, Carolina e Lina.

CAROLINA

Fez mal enganar-me, Araujo!

BARÃO

Ralhe, ralhe comigo quanto quizer! (*a Luiz*) Como estás?

CAROLINA

Si eu soubesse que se tratava de uma grande reunião, de certo não tinha vindo.

BARÃO

Vejo então que fiz muito bem; não achas, Luiz? E minha afilhada também está arrependida?

CAROLINA

Ella pôde ficar com Luiz; eu não, não posso.

MENEZES

Pensa muito bem!

LUIZ

Eu te acompanho, Carolina.

LINA

Sem mamãe eu também não fico.

BARÃO

Pois não de ficar todos !... Ora ! Ha tantos annos que vivo a fazer a vontade aos outros, um dia quero fazer a minha para saber que gosto tem isso. Estão todos presos ; eu já previa o que acontece ; mandei fechar os portões da chacara ; são perto de cinco horas ; não ha remedio senão renderem-se á fome !

CAROLINA

Deixo a você decidir, Araujo !... Julga que eu possa estar satisfeita nesta reunião ?

BARÃO

Si me tivesse amizade, e depositasse confiança no meu character, não faria tal pergunta.

CAROLINA

Fico ! Está satisfeito ?

LINA

Olhe, papai, globos para illuminar o jardim ! Como ha de ser bonito !...

BARÃO

Dê cá o braço Carolina. Venha, Lina, com sua mãe, tirar a capa.

SCENA V

Menezes e Luiz

MENEZES

Estás vendo, Luiz, como o nosso Araujo vai se sahindo ? Que luxo ! Aposto que ainda não reparaste ?

LUIZ

Já.

MENEZES

E' uma festa esplendida !... Nunca pensei que elle tivesse tão bom gosto ! Está bem arranjado. Que dizes ? Não te agrada esta riqueza ?

LUIZ

Queres que te falle com franqueza, Menezes? Tudo isto já me aborrece e me assusta !... Meu desejo é voltar á roça e ali enterrar-me vivo.

MENEZES

Mas isto é resolução nova ?

LUIZ

De uma semana !

MENEZES

Que te fez o Rio de Janeiro, então ?

LUIZ

Fez de mim um cobarde e ia fazendo um grande perverso ! Um anjo salvou-me !... Posso confessar-te hoje que me sinto salvo !...

MENEZES

Falla !... Teu silencio me assusta !

LUIZ

Lembras-te do que me aconteceu ha dois annos com o Tavares ?

MENEZES

Do ataque que elle teve á noite quando o encontraste na rua e o livraste da morte ?

LUIZ

Justamente. Sophia mostrou-se muito agradecida; frequentei sua casa, e de repente conheci que a amava e ella me correspondia !... Foi uma infamia, não crês ?

MENEZES

Sabia essa moça que tu eras casado ?

LUIZ

Não ! Eu era na vespera um desconhecido, no outro dia um amigo da casa; esqueci-me de fallar da minha pessoa, tão alheio andava; ninguem me interrogou. Logo porém, que Sophia mostrou-se inclinada para mim, fiz um esforço e declarei tudo. Ella impallideceu e retirou-se sem proferir uma palavra. Eu parti para a fazenda.

MENEZES

E a esqueceste junto de Carolina.

LUIZ

Não, infelizmente não; não a esqueci, mas resignei-me!... Vindo segunda vez ao Rio de Janeiro, encontrei-me com Sophia uma e muitas vezes. Ella amava-me, como podia amar; em silencio, e a seu pezar! Succumbi; entreguei-me a essa paixão insensata que me obrigou a mudar para a côrte. Inventei pretextos; o motivo era esse.

MENEZES

E teu amor nunca foi acceito por Sophia ?

LUIZ

Nunca! Outro dia, nos annos de Lina, aproveitei um momento de estar só com ella para arrancar-lhe a confissão. Eu estava louco, fóra de mim!.. Quando Sophia illudida pelo juramento que lhe dei, proferia a terrivel palavra... Ouço um grito... Carolina estava na sala.

MENEZES

Que fez ella ?

LUIZ

Disfarçou! Teve a sublime coragem de beijar Sophia e sorrir a mim que acabava de fazer um voto impio!

MENEZES

Qual ?

LUIZ

Custa-me dizer! Poupa-me essa vergonha!

MENEZES

Dize; é preciso cauterisar a consciencia enferma.

LUIZ

O de sua morte!...

MENEZES

O do assassinato viria depois!

LUIZ

Oh! é horrível!... Felizmente Deus salvou-me pela mão desse anjo! Sim, Menezes! O heroísmo de Carolina, sua misericórdia celeste para o meu crime, sua nobre dignidade ante o meu insulto, tudo isto a elevou tão alto em minha alma, e abaixou-me tanto em meu remorso que eu a adoro! Mas de longe, humilde, envergonhado, constricto!

MENEZES

Graças á Deus, Luiz! Eu tremia por ti.... Ainda és o homem honesto de quem fui amigo e sou! Devias soffrer muito para chegar ao ponto de insultar tua mulher!

LUIZ

E' verdade! Mata-la seria apenas um crime; insulta-la foi uma baixesa!

MENEZES

Mas Carolina ainda não sabe de teu arrependimento?

LUIZ

Ainda não! Tive vergonha de confessar-lhe... e medo!

MENEZES

Medo?...

LUIZ

Ella póde crer que é fingimento meu para engana-la. E' preciso que se convença por si mesma de minha sinceridade.

MENEZES

Tens razão!

LUIZ

Que beneficio me fez esta conversa, Menezes. A' quanto tempo não conversamos?... Sinto-me contente! Agora é que vejo este jardim! E' realmente encantador; vamos até aquelle lago.

(Começa o passeio dos convidados pela chacara.)

SCENA VI

Vieira e Tavares (no pavilhão)

VIEIRA

Meu caro Sr. Tavares, sentemo-nos por aqui. Tenho que fallar-lhe sobre um negociosinho.

TAVARES

Agora ?

VIEIRA

E' urgente ! Mas não se assuste ; fique certo que não hei de comprometter.

TAVARES

Bem sabe o meu amigo commendador que um homem em certa posição deve zelar os seus creditos.

VIEIRA

Pois eu não o conheço ?... O character mais severo ! Até pecca pelo excesso !

TAVARES

Nestes tempos é preciso !

VIEIRA

Justamente ; nestes tempos é preciso que a gente arranje alguma cousinha para manter sua independencia. O senhor sabe que o Fernando está phtisico !

TAVARES

Ha muito tempo.

VIEIRA

Outro dia me disse o Dr. Lopes que não lho dava seis mezes. Ficarà uma viuva ainda moça e soffrivelmente apatacada. Ora, meu caro Sr. Tavares, eu creio que estou reservado para um casamento rico. Serio ! tres vezes tentei casar-me com moças pobres, e roerão-me a corda.

TAVARES

Pretende então propor-se á D. Paulina !

VIEIRA

Já me propuz, meu caro!

TAVARES

Oh! Estranho muito um tal proceder! Ainda vivo o marido!

VIEIRA

Mas venha cá! Que pensa o senhor que ha de succeder morrendo o Fernando? D. Paulina não tem parentes na corte. Cabe-lhe em casa uma scucia de marrecos, advogados, procuradores, socios e caixeiros, que irão logo tratando de arredar os amigos desinteressados e prestimosos como o Sr. Tavares; e em menos de um anno darão cabo da herança!

TAVARES

Isso é verdade!

VIEIRA

D. Paulina precisa pois de um amigo de confiança que a ampare nessa desgraça e zele seus interesses. E' uma obra de caridade, meu caro Sr. Tavares; amparar a viuva!...

TAVARES

Vista a cousa por este lado.... Mas ainda tenho minhas duvidas.

VIEIRA

Não se lembra daquelle nosso camarada deputado que se propoz candidato a senatoria, quando o outro ainda estava vivo?...

TAVARES

Tenho uma idéa.

VIEIRA

Pois é o mesmo: a minha senatoria é D. Paulina. As cousas ião muito bem; no ultimo baile do Fernando julguei certa a minha conquista; mas na despedida, não sei o que houve.... Cuidei que fosse algum arrufo, por ciumes. Mas sem duvida me intrigarão, e não passou desse tratante do Menezes, homem de minha especial birra! Elle não me

gosta, porque lhe sei da chronica. Mas o caso é que D. Paulina não me appareceu mais. Julguei que fosse ao jantar da tal Carolina e por isso metti-me em sua casa e fiz-me convidado.

TAVARES

Ah ! Foi por isso ?

VIEIRA

Mas a tal sujeita logrou-me a mim e a Carolina. Que taboa bem pregada, hem ? Emfim, meu caro Sr. Tavares, é preciso que eu falle á D. Paulina hoje sem falta ; e só vejo um meio. Offereça-lhe o braço para dar um passeio pela chacara e traga-a para esses lados....

TAVARES

O Sr. commendador, devia conhecer a pessoa com quem falla ! Não se pedem cousas desta ordem á um homem delicado e respeitavel. Pela amisade que lhe tenho farei como se nada soubesse ! Outro individuo se arrependeria . . .

VIEIRA

E o senhor não se arrependerá Sr. Tavares ? Olhe lá !

TAVARES

Sou inabalavel. Isto não quer dizer que não offereça meu braço a D. Paulina, como costume. E' uma senhora a quem muito preso. Se ella quizer vir para estes lados.... é lá por sua conta ; eu lavo as mãos em todo este negocio !...

VIEIRA

„ Cada vez o respeito mais !... Realmente é um caracter que eu admiro !... (*Sahe Tavares. Vieira fica esperando com impaciencia, ora sentado, ora passeando.*) Que refinado patife !... Oh ! oh ! oh....

SCENA VII

Ribeiro e Frederico (de braço)

RIBEIRO

Estás hoje muito contente, Frederico? Não se póde saber porque?

FREDERICO

E' um segredo, meu pai. Depois lhe direi; agora não; estou tão commovido!

RIBEIRO

E se eu advinhar?

FREDERICO

Duvido!

RIBEIRO

Na tua idade só os olhos da mulher que se ama produzem dessas alegrias repentinas!...

FREDERICO

E se fosse isto, ficaria zangado comigo?

RIBEIRO

Porque motivo?... Teu coração te pertence; podes da-lo livremente; e tenho a certeza que só o darás aquella que fôr digna delle!...

FREDERICO

Fosse eu digno della!... Que anjo de graça e belleza!

RIBEIRO

Lá se vai o teu segredo. Agora só falta o nome!

FREDERICO

Pois não lh'o direi, senão esta noite, quando voltarmos; então lhe pedirei também um consentimento...

RIBEIRO (*sorrindo*)

Que eu estou disposto a negar!...

FREDERICO

Duvido l... Vm. não ha de ser tão mau!... Mas vamos para a sala.... Parece-me que não a vejo ha um seculo.

RIBEIRO

Por cá, para não nos encontrarmos com aquelle homem

FREDERICO

O Vieira? Ah! Não sabe, meu pai? A pouco estive quasi á castigar-lhe a insolencia. Disse cousas horriveis de D. Carolina, uma senhora tão virtuosa....

RIBEIRO

Calumnias!... Não acredites naquelle traste.... Fog-delle!

SCENA VIII

D. Francisca, Amelia, Pinheiro, Vieira, Menezes, Luiz e Fernando.

VIEIRA

Que massada l... Agora ahi vem a tagarella da fazendeira!

D. FRANCISCA

Está realmente muito bonito? Quanto custarião estes vasos?... Quero comprar seis para a fazenda. Lembra-me Amelia!

AMELIA

Sim, mamã!

PINHEIRO

São muito elegantes!

D. FRANCISCA

Hão de servir mesmo para o dia. Pretendo dar um banquete igual á este. O barão já me prometteu emprestar os seus criados....

VIEIRA

Então já está marcado o dia !...

D. FRANCISCA

A 10 de Agosto, se Deus quizer !

VIEIRA

Eu aproveito a occasião para lhe dar os parabens. Realmente o Pinheiro merece !

D. FRANCISCA

E' muito boa pessoa.

VIEIRA

Sem duvida ! Somos amigos velhos ; eu o conheci bem rico !... Em menos de um anno perdeu tudo, coitado !

D. FRANCISCA

Já sei disso !

VIEIRA

Mas aposto que não sabe do que elle fez quando ficou pobre ? Que coragem de homem ! Comprou um tilbury....

D. FRANCISCA

O senhor está enganado comigo, Sr. Vieira. Eu não sou da côrte ; quando as cousas não me agradão, vou dizendo ; não tenho cá etiquetas. Fique sabendo que não gosto do senhor e é obsequio não me fallar....

VIEIRA

Mil perdões, excellentissima, se a offendi ! Eu queria dizer....

D. FRANCISCA

E' escusado !... Nada do que o senhor disser eu acredito !

VIEIRA

Pois eu sei certas cousinhas !...

D. FRANCISCA

Ouça, Sr. Pinheiro ?

PINHEIRO

O que é D. Francisca ?

VIEIRA

Por delicadeza eu me retiro.

D. FRANCISCA

Pois não, vejão o tal Vieira a desfazer no senhor ?

AMELIA

Eu tenho uma birra desse homem !

PINHEIRO

Que disse elle ?

D. FRANCISCA

Que o senhor tinha sido um gastador e perdulario....

PINHEIRO

Era de esperar !

LUIZ

Não acredite em semelhante homem, D. Francisca !
E' um....

MENEZES (*interrompendo para D. Francisca*)

Perdão. Mas não lhe contou, apósto, que o Sr. Pinheiro vendeu o que lhe restava para pagar uma divida de honra, e reduzido á ultima miseria, não tendo que comer um dia, preferio ganhar o sustento pelo trabalho; a infamar-se no crime ou enxovalhar-se mendigando de casaca e luva. Isto não lhe contou elle !

D. FRANCISCA

Eu sabia tudo isto, Sr. Menezes. D. Carolina, minha amiga, contou-me as extravagancias aqui do senhor, antes de o apresentar. Amelia o absolveu de tudo !...

PINHEIRO

Como um anjo de bondade que é !

MENEZES (*de parte a Luiz*)

Não podes fallar do Vieira... depois que o fizeste dar o braço á tua mulher !

LUIZ

E' verdade!... Que vil homem sou eu!

D. FRANCISCA

Não sei como o barão convida um homem desta qualidade para sua casa?... E já virão como elle está escandaloso com aquella sujeita toda emproada....

PINHEIRO (*vendo Fernando*)

Olhe o marido!... Creio que ouviu?...

D. FRANCISCA

Melhor!

LUIZ (*vendo Sophia*)

Ella!... Veio!...

MENEZES

Ainda te faz estremeecer!...

LUIZ

De terror!...

FERNANDO

Viu minha mulher, Sr. Vianna?

LUIZ

Ainda não tive este prazer.

FERNANDO

Cuidei que estivesse por aqui. (*Suspeitoso.*)

SCENA IX

Sophia e Lina

(Outras moças e cavalleiros pelo fundo.)

SOPHIA

Onde me levas?

LINA

Aqui onde ninguem nos ouça!

SOPHIA (*rindo*)

Que horrendo misterio !

LINA

Zombas? Pois eu não te conto, má!

SOPHIA

Si tua carinha está contando !

LINA

Pois dize o que é !

SOPHIA

Elle te deu um heliotropo que tu escondeste no seio, mas está ahi apparecendo....

LINA

Só?

SOPHIA

Heliotropo significa « eu te amo ! » Sabias?

LINA

Elle me disse !

SOPHIA

Olhem o sonso ! E depois ?

LINA

Jurou que seu amor seria eterno !

SOPHIA

E tu ?

LINA

Eu ... tambem jurei ! Com a cabeça !

SOPHIA

Estão adiantados ! Nunca pensei que o tal Sr. Dr. Ribeiro fosse tão animoso !

LINA

Si tu visses como elle estava tremulo !...

SOPHIA

E tua mãe já sabe disso ?

LINA

Não tenho animo de lhe dizer ?

SOPHIA

Mas a elle tiveste animo ?

LINA

Elle me perguntou, senão... Mas esta noite eu juro que hei de contar tudo, tudo, á mamãe.

SOPHIA

Fazes muito bem !

LINA

Ainda não ha muitos dias, ella me disse que hei de casar com quem fôr de meu gosto !

SOPHIA

Então é negocio decidido !... Mas quando fizerão vocês tudo isso ?

✽

LINA

Emquanto foste tocar. Na janella....

SOPHIA

Por isso eu o achei tão contente quando voltei.

LINA

Vamos, senão elle é capaz de ficar zangado por não me ver !

HELENA (*na porta do pavilhão*)

Que desgraça, meu Deus !

SCENA X

Helena e Frederico.

FREDERICO (*vendo Helena*)

Ah ! (*afasta-se*)

HELENA

O senhor não é filho do Sr. Ribeiro?... o Dr. Frederico !

FREDERICO

Sim, porque ?

HELENA

O senhor gosta de D. Lina ?

FREDERICO

Que tem você com isto ?

HELENA

Quer casar com ella ? Mas isto vai matar a pobre Carolina !

FREDERICO

Que diz, mulher?... Qual é a causa desse espanto ?

HELENA

Uma cousa horrivel, que me faz tremer.... Venha, que eu lhe digo ! Aqui neste lugar para que ninguem nos ouça.... Que desgraça !...

SCENA XI

Menezes, Carolina, D. Paulina, Tavares, Vieira e Fernando.

CAROLINA (*ao braço de Menezes*)

Além disso, vivo tremendo por causa de Lina !

MENEZES

Que tem ella ?

CAROLINA

Tem mudado muito estes ultimos dias. A's vezes muito contente; outras pensativa e distrahida?... Tenho suspeitas horriveis de que ella já ame....

MENEZES

A quem ?

CAROLINA

Ao filho.... do Ribeiro !

MENEZES

Não se afflija ! E' a sua imaginação ! Você precisa sahir do Rio de Janeiro.... Uma viagem lhe faria muito bem !

CAROLINA

Si eu não levasse a minha consciencia na bagagem. (*desapparecem ao passo que outros apparecem ao lado opposto.*)

TAVARES

Que remedio, D. Paulina, senão supportar ! Com licença. (*Desvencilhando o braço a pretexto de tomar uma pitada.*)

D. PAULINA

Pois olhe, Sr. Tavares, si não fosse meu marido ter certas letras com o barão eu não ficava aqui um instante !

TAVARES

E' o que eu sempre digo; as considerações sociaes sujeitão a gente a muita cousa.... (*Chega Vieira.*)

D. PAULINA

Mas isto não se faz ! Obrigar uma senhora a se misturar com uma mulher dessa casta ! E verão que lhe ha de tocar na mesa melhor lugar que a mim ?

TAVARES

Será possivel ?

VIEIRA

Realmente toda a sociedade está indignada com o pro-

cedimento do barão ! Que querem ? O dinheiro dá muita coisa mas não dá educação !

D. PAULINA

Dizia, Sr. Tavares ?

VIEIRA (*a Tavares*)

Ah ! Sua filha está chamando-o.

TAVARES (*a D. Paulina*)

Um instante....

PAULINA

Tambem vou !

TAVARES

Nada ; já volto !

VIEIRA

Fique, preciso lhe fallar.

PAULINA

Deixe-me passar ?

VIEIRA

Ha de ouvir-me !

PAULINA

O senhor quer me comprometter ?

VIEIRA

Quem se compromette é a senhora ! Porque foje de mim, e nem ao menos me quer ouvir ?

PAULINA

Porque vi o abismo em que ia cahir.... Já andavão fallando de mim. Vá embora ! Ahivem gente.

VIEIRA

Irei ; mas receba esta carta que lhe escrevi receando que não lhe podesse fallar.

D. PAULINA

Não quero ! (*Joga ao chão.*)

VIEIRA

Si não a apanhar fica ahí para quem quizer ler.

PAULINA

Que fique! (*volta-se*) Meu marido!

VIEIRA (*fugindo*)

Arranje-se agora com elle!

PAULINA

Infame! (*corre para apanhar a carta, o marido chega e lhe agarra pelo pulso; apparece Carolina e Menezes.*)

FERNANDO

Dê-me esta carta?

PAULINA

Fernando!

FERNANDO

Cala-te, miseravel! (*abrindo,*

MENEZES (*a Carolina*)

Onde vai?

CAROLINA

Esconda-se!... (*a Fernando*) Esta carta me pertence!

FERNANDO

A' senhora? Não é possível!

CAROLINA

Restitua-me, Sr. Fernando! não tem direito de a ler, (*recebe.*) Pois o senhor não vê que um homem da qualidade do commendador Vieira só se animaria a escrever á uma desgraçada, como eu?... Lembra-se do que fui?...

FERNANDO

E como se achava a carta na mão de minha mulher!

CAROLINA

D. Paulina teve compaixão de mim e quiz obrigar o Vieira a receber de novo esse indigno papel!

PAULINA

Envergonhe-se do conceito que faz de sua mulher !... Todos os senhores são assim ; a menor cousa já suspeição uma traição, um crime ! Si me tivesse fallado com brandura...

FERNANDO

E' verdade o que a senhora diz, ou é um pretexto para deffender ?... (*d' Carolina.*)

CAROLINA

Duvida !... Lêa : « Si não fizer o que lhe peço se arrependerá. A senhora bem sabe que eu posso perde-la agora mesmo e fazer sahir desta casa corrida de vergonha. »
— Então ?...

FERNANDO

Que canalha !...

SCENA XII

Os mesmos e o Barão.

BARÃO

Já estão com fome ?... Pouco se demora !...

FERNANDO

Ouçã barão ! Para que admite o senhor em sua casa este Vieira ?

BARÃO

Verá daqui a pouco !

FERNANDO

O senhor não sabe....

BARÃO

Ora !... (*aos creados*) Toque a musica para chamar as pessoas que andão passeando !

PAULINA

A senhora vingou-se generosamente, salvando-me. Peça-lhe que me perdoe as offensas que lhe fiz?

CAROLINA

Nada tenho que perdoar! O que a senhora fez outra faria!...

PAULINA

Quero que seja minha amiga.... Promette?...

CAROLINA

Não sou digna.... Ah! vem, seu marido.... Affaste-se para que elle não suspeite....

MENEZES (*apparecendo*)

Carolina você é uma santa!

CAROLINA

Quer ajudar-me a salva-la.

MENEZES

Diga!

CAROLINA

O Vieira tem cartas della e a ameaça....

MENEZES

Basta! Eu as tomarei!

(*Vêm chegando os convidados.*)

SCENA XIII

Todos menos Frederico e Helena

CAROLINA

Onde estará Luiz?

MENEZES

Não o vejo !

CAROLINA

Acho-o tão triste hoje ? E Lina ? Procure-a.

MENEZES (*vendo Luiz*)

Ah ! Lá está elle !...

VIEIRA (*dando o braço a Sophia*)

Ora diga, D. Sophia, não é realmente mal empregada a riqueza em um labrego. Que brutalidade !... Fazer-nos jantar embaixo das arvores.

SOPHIA

E' mais fresco !...

TAVARES

Não é proprio de pessoas de certa posição !

MENEZES (*a Lina no pavilhão*)

Que tem você, Lina !

LINA

Nada ! Me deixe, Sr. Menezes.

MENEZES

Porque separou-se das outras ?

LINA

Fui eu ?... Ellas todas é que estão fugindo de mim ! Até Sophia, tão minha amiga ! Ainda ha pouco.... só me abraçando.... e agora nem me falla !

MENEZES

Deixe-se disto ! Venha para junto de sua mãe ! O jantar não tarda.

LINA

Não vou ! Minha vontade é chorar !...

CREADO (*alto*)

S. Ex. está servido !... (*correm-se as cortinas.*)

BARÃO

Chamão-nos para a mesa, minhas senhoras ; antes porém de nos sentarmos desejo dizer algumas palavras as pessoas que me fizeram a honra de acceitar o meu convite !

VIEIRA

Vai se dar ao desfructe !

BARÃO

Permittem !

VOZES

Ouviremos com o maior prazer !

MENEZES

Seu padrinho vai fazer um discurso ! Não quer ouvir. *s ahindo do pavilhão para o jardim.*)

LINA

Eu não ! Estou zangada ! (*fica no pavilhão.*)

BARÃO

Meus senhores, eu sou um homem muito exquisito. Nasci pobre e até meus vinte e tres annos nunca sube o gosto que tinha trazer no bolso cincoenta mil reis. De repente, tive accesso, como dizem lá no batalhão de que me fizeram commandante, fui promovido de pobre a rico. Sentei praça de caixeiro ha quinze annos e já cheguei a barão. Por isso tenho ainda muito defeito da gente pobre, que ainda não pude perder !

MENEZES

Prefiro estes defeitos ao teu dinheiro !

VOZES

Apoiado !

BARÃO

Ora um dos meus defeitos é gostar de ver as cousas direitas e no seu lugar. Tem-se dado nesta terra muito banquete a gente grande, políticos e ricos, mas não me consta que se tenha offerecido uma festa á virtude.... Isto é: eu não pretendo dizer que aquellas pessoas não fossem virtuosas; como são tambem as que me fizeram a honra de vir hoje a minha casa.... Mas eu quero a virtude.... só, sem mais nada, de modo que.... Menezes, tu bem me entendes ajuda-me a explicar isto!

MENEZES

Todos nós comprehendemos perfeitamente o pensamento do nosso amavel barão!

VOZES

Sem duvida!

VIEIRA (*baixo a Tavares*)

Menos eu!...

MENEZES

Elle quer dizer que tencionando honrar a virtude e dedicar-lhe uma festa, de proposito escolheu a virtude pobre, obscura que depois de uma luta heroica subio a maior altura á que póde chegar á santidade da mulher!.... Buscou uma virtude singela e não adornada como o das senhoras presentes, pela posição, riqueza, formosura e outros dotes!

BARÃO

Justamente!

VOZES

Bravo! bella idéa!...

BARÃO

Aqui estão pessoas que eu muito respeito não só pelo lugar distincto que occupão na sociedade, como pela sua intelligencia e honradez! espero que todas se unão a mim com prazer para prestarmos esta homenagem de consideração a uma digna esposa e mãe! Seu braço D. Carolina; o lugar de honra lhe pertence!

VOZES

Muito bem !... muito bem !

CAROLINA

Tenha dó de mim.

BARÃO

Acceite !

VIEIRA

Desceu, meu caro Sr. Tavares ?

TAVARES

Confesso que não.

VIEIRA

O velho deu em gaiteiro !.... *(rumor de conversa entre os convidados.)*

MENEZES

Que te disse eu ? A sociedade já murmura pela boca de Vieira ?

BARÃO

Do Vieira !... Então é a canalha ! *(Falla a um creado o qual vai ao pavilhão buscar Helena.)*

VIEIRA

Não tarda que os carroceiros feitos barões dêem bailes para nos fazer dansar com as pretas da fazenda !...

BARÃO

Ainda não acabei, meus senhores. Sendo este jantar a festa da virtude é claro que não deve aqui estar a vergonha dos homens de quem se póde dizer tudo, mas eu me contento em dizer um nome ! Chamão-n'o por zombaria o commendador Vieira !

VIEIRA

O senhor me insulta ! *(Helena apparece.)*

BARÃO

Eu o expulso !... Esta mulher....

VIEIRA

Helena !

BARÃO

Helena ! sim, que foi sua companheira outr'ora e se emendou occupará o lugar que a principio lhe tinha reservado na mesa de meus creados, mas do qual vejo que ainda não é digno. O seu é na casa de correcção.

VIEIRA

Entrego o que diz ao mais soberano desprezo. E me retiro por dignidade.... propria. (*Risadas.*)

BARÃO

Agora meus senhores, podemos jantar.

CAROLINA

Espere, meu amigo, não vejo Lina ! (*Carolina solta-se do braço de Araujo e busca a filha entre o jardim ; os convidados caminham para a mesa ; Menezes demora-se a espera de Lina ; e o barão depois de chegar á mesa volta em busca de Carolina e chega no fim da scena em tempo. Enquanto isto correm as scenas seguintes o mais rapido possivel.*)

SCENA XIV

Lina e Frederico (no pavilhão)

FREDERICO (*sahindo*)

Ah !...

LINA (*sorrindo*)

Que susto me causou !...

FREDERICO (*quer fugir e volta*)

D. Lina, nunca mais a verei ! Adeus e para sempre !...

LINA

Meu Deus !... Que tem o senhor...

FREDERICO

Um segredo terrivel, que acabo de saber !

LINA

Que segredo !... Eu estou tremendo !...

FREDERICO

Adeus ; esqueça-se deste infeliz !

LINA

Que lhe fiz eu, para me fallar assim ?

FREDERICO

Uma fatalidade peza sobre nós !... Basta que eu a saiba e soffra !

LINA

E eu não soffro ?... O senhor mata-me e nem me diz porque !....

FREDERICO

Oh ! sim ! Devo confessar-lhe para que não me accuse.... e se esqueça de mim !... Uma mulher que lhe viu nascer.... alli.... neste instante me contou. Nós somos, D. Lina !...

LINA

O que ? (*Carolina chega correndo.*)

FREDERICO

Nós somos irmãos.

LINA

Irmãos !...

CAROLINA

Ah ! (*grito pungente.*)

LINA (*correndo a ella*)

Minha mãe !... E' verdade ! Elle é....

CAROLINA (*caindo de joelhos*)

Perdão, minha filha !

SCENA XV

Os mesmos e o Barão.

BARÃO *(no jardim sem vê-la)*

Carolina?

LINA

Desgraçada de mim!...

CAROLINA

Perdão!...

MENEZES

Vês!

BARÃO

O que?

MENEZES

A mulher que reergueste perante a sociedade alli está rojando no pó aos pés de sua filha!...

(Lina desmaia nos braços de Frederico.)

—

Acto IV

Em casa de Luiz, A sala do conhecido

SCENA I

Luiz e Barão

LUIZ

Imagina que noite horrivel passou ella !... Agora está mais tranquilla ; porém ainda não quiz ver a filha....

BARÃO

Maldita lembrança foi a minha de mandar a Helena para o tal pavilhão !

LUIZ

Não te afflijas, Araujo. Quando sahi hontem da tua casa, vinha succumbido ; agora estou mais animado, achei o meio de remediar o mal.

BARÃO

Qual ?

LUIZ

Verás ; mandei chamar Lina e ella não deve tardar. -Pobre menina ! Seu desmaio que tanto nos assustou foi uma felicidade. Ella sabe apenas, que Frederico é seu irmão !

BARÃO

Esse pouco !...

LUIZ

E' preciso porém que ella não veja mais o Frederico. A Helena contou tudo !...

BARÃO

Que tinha aquella brucha de metter-se nisso. Ha de ser ruim toda sua vida !

LUIZ

Coitada! Ficou tão fóra de si ouvindo Lina fallar em seu casamento com.... o irmão!...

BARÃO

Viesse previnir-me.

LUIZ

Nem tudo occorre (*sentindo passos.*) Ahi vem Lina. Julgas Araujo que um medico deva mentir para salvar o doente?...

BARÃO

Homem.... Si não ha outro meio!

LUIZ

Então posso eu tambem mentir para salvar minha filha.

—

SCENA II

Os precedentes e Lina

BARÃO

Está melhor, Lina?

LINA

Já estou boa, meu padrinho.

BARÃO

Mas acho-a ainda tão abatida.... Acabou de chorar!

LINA

Chorei á toa.

LUIZ

Minha filha, mandei te chamar para fallarmos á respeito do que soubeste hontem sobre esse moço.... o Frederico....

LINA

Para que papai; eu soffro tanto quando me lembro disso!... Minha vontade é esquecer tudo; mas não posso!

LUIZ

O amor de irmão é tão doce, Lina !

LINA

Oh ! eu desejava bem ter um irmão ; mas queria que fosse outro e não o Sr.... o Sr. Ribeirinho !

LUIZ

E' natural essa repugnancia ; com o tempo te habituarás.... Mas devo-te revelar o segredo....

LINA

Não, papai ! Não quero saber nada mais ! Basta já o que mamãe tem soffrido ! (*espanto do barão.*)

LUIZ

Tua mãe se agonisa por ver sua filha triste e chorosa !

LINA

Só?... Mas eu ficarei alegre ; eu prometto ! Vou dizer-lhe que não estou mais triste !

BARÃO

Espere, ouça primeiro a seu pai !

LINA

Não é preciso !

LUIZ

E' muito ; para que me possas perdoar o desgosto que te causei !

LINA

Papai?...

LUIZ

Sim. Antes de conhecer tua mãe tive a infelicidade de amar a uma senhora.... a mãe de Frederico....

LINA

Então elle é....

LUIZ

Meu filho ?

LINA

E porque não tem seu nome? E não vive em nossa casa?

LUIZ

Não podia lhe dar um nome e chama-lo para minha companhia sem fazer a desgraça de sua mãe. Resignei-me á ama-lo de longe. Como poderia eu imaginar que succedesse....

LINA

Bom papai!... Acabou-se?... Esqueça-se disso!

LUIZ

E tu me perdoas?

LINA

Onde é que já se viu um pai pedir perdão á sua filha?..

LUIZ

Quando é culpado!

LINA

Eu não sei si é, nem quero saber!

BARÃO

Bravo, minha afilhada! Muito bem! Eu já sabia que você era uma menina de muito juizo; mas agora vejo que já é uma senhora!... Ora uma senhora precisa de uma mucama para sua companhia.... Faço-lhe presente da Gertrudes!...

LINA

Mas, papai!...

LUIZ

O que é?

LINA

Porque mamãe hontem tambem me pediu perdão de joelhos?...

BARÃO

Não admitto que se falle mais disso!

LINA

Eu quero saber.... Foi de tudo o que mais me affligio!

LUIZ

Eu te digo, Lina. Quando nos encontramos a primeira vez com Frederico e que elle dansou contigo, eu quiz te confessar; tua mãe se oppoz. Hontem arrependeu-se.

LINA

Ah! meu bom pai!.... (*abraça-o.*) Agora vou abraçar tambem a minha querida mamãe! Ainda hoje não a vi!

LUIZ

Ella está dormindo agora; passou mal a noite com o susto que teve do teu desmaio! Vai-te distrahir; estudar a teu piano.

LINA

Hoje não tenho gosto!

LUIZ

Vai! (*leva-a para o piano e volta ao barão*) Então?

BARÃO

Muito bem!

LUIZ

Agora é necessario que o Ribeiro de seu lado nos ajude! Bem podias procura-lo de minha parte.

BARÃO

Já, neste instante!

LUIZ

Comprehendes bem? Silencio do filho e...

BARÃO

Deixa ao meu cuidado! (*Sahe — Luiz vai sahir.*)

LINA

Olha, papai!... Eu entrarei devagarinho, para não acordar mamãe. Quero só ve-la; sahirei logo!

LUIZ

Espera um momento; eu te chamarei!

SCENA III

Lina e Frederico

(Lina tira uns arpejos frouxos do piano)

FREDERICO (entrando)

D. Lina!...

LINA (erguendo-se)

Meu Deus!... Papai!

FREDERICO

Escute D. Lina! Não se assuste!

LINA

Eu não quero ver mais o senhor!

FREDERICO

Porque?... ouça! Foi um engano daquella mulher!... Meu pai agora mesmo me contou tudo, e eu corri para lhe dar a noticia!... Veja como estou chorando de alegria.

LINA

Mas de que? Que foi que seu pai lhe disse?

FREDERICO

Que eu não sou seu irmão, Lina!

LINA

E' verdade, Sr. Frederico? Não está me enganando?

FREDERICO

Não sou capaz de lhe enganar!...

LINA

Me desculpe! Sou tão feliz, que duvido!...

FREDERICO

Eu lhe juro sobre a palavra de meu.... daquelle que eu amo e respeito como pai, porque é o seu D. Lina!

LINA

Que afflicção, meu Deus! Não comprehendo! Não posso... Meu pai agora mesmo me disse....

FREDERICO

De qual falla ? Daquelle que considera seu pai por ser marido de sua mãe, ou de seu verdadeiro pai, que me adoptou e creou ?...

LINA

Ah !...

FREDERICO

Que tem, D. Lina ! Por compaixão !...

LINA

Então meu pai.... o marido de minha mãe, não é meu.... meu pai !... Responda, senhor !

FREDERICO

Pois não sabia ? Sua mãe não lhe contou ?

LINA

A mim ?...

FREDERICO

A senhora não estava convencida que eramos irmãos ?...

LINA

Meu pai me disse que o senhor é seu filho !

FREDERICO

Eu !...

LINA

Agora comprehendo tudo !... Foi por isso que minha pobre mãe cabiu de joelhos quando eu lhe perguntei, e desde hontem recusa me ver !

FREDERICO

Para que disse eu ?

LINA

Não devia dizer. Nunca se diz mal de sua mãe a uma filha !

FREDERICO

Oh ! me perdoe !...

LINA

Meu pai advinhou o que eu havia de soffrer por minha mãe, sabendo... occultou-me tudo.... Disse-me que o senhor era seu filho.... como eu. Acreditei na sua palavra e ainda acredito !

FREDERICO

Mas seu verdadeiro pai me assegurou....

LINA

Não o conheço !

FREDERICO

Elle não tarda !

LINA

Que vem fazer aqui ?

FREDERICO

Pedir sua mão, D. Lina, para mim, seu filho adoptivo.

LINA

Corra e lhe supplice de joelhos que não venha ! Nós somos irmãos, filhos do mesmo pai ! Elle me disse e eu creio nelle como em Deus. Elle não mente !

FREDERICO

Mas pôde enganar-se ! Quer uma prova ?...

LINA

Não ! não !

FREDERICO

Lêa esta carta que o Sr. Vianna escreveu á seu pai na vespera de casar-se, exigindo que restituísse a senhora á sua mãe !

LINA

Não me comprehendeu !... Nós somos irmãos ! Assim é forçoso ! Uma mãe não pôde corar diante de sua filha. Eu devo esquecer e ignorar tudo quanto o senhor me disse !

FREDERICO

E nosso amor !

LINA

Seja eu desgraçada, Sr. Frederico ; mas não aquella que me deu o ser.

FREDERICO

Ella não póde ser desgraçada vendo sua filha feliz!... Saiba que seu pai me adoptou na esperança de casar-me com a senhora e de ter assim um dia o direito de tornar á chama-la sua filha!...

LINA

Nunca!

FREDERICO

Não seja cruel, D. Lina!

LINA

Si esse homem que o senhor chama meu pai e que eu não conheço vier aqui e descobrir que não somos irmãos, juro-he que não o verei mais...

FREDERICO

D. Lina!

LINA

Não! Porque morrerrei com minha mãe! (*sabe*).

FREDERICO

Que fatalidade, senhor! (*sabe*.)

SCENA IV

Sophia e Carolina

SOPHIA *na porta e para fóra*

Sim, meu pai. Passe na volta para me levar.

CAROLINA

Adeus, D. Sophia!

SOPHIA

Oh! D. Carolina, não a tinha visto. E Lina?

CAROLINA

Passou melhor; mas ainda está muito abatida e nervosa. Fez bem em vir lhe fazer companhia. Ella é muito sua amiga!

SOPHIA

E eu della !

CAROLINA

Eu sei, e tenho muito prazer com isso. Lina póde perder sua mãe de um momento para outro.... talvez mais cedo do que pensa.... e então sempre é um consolo para mim saber que lhe fica uma irmã.

SOPHIA

Não pense nisso, D. Carolina !

CAROLINA

A senhora será uma irmã para ella, me promette ?

SOPHIA

Já sou ; mas deixe estas idéas tristes !

CAROLINA

Si ao menos Luiz se tornasse a casar, ella teria uma segunda mãe.... porém elle não ha de querer, talvez por consideração a mim !...

SOPHIA

Que prazer acha a senhora em estar a se affligir deste modo, sem causa.

CAROLINA

Não me afflige a idéa de morrer, não, D. Sophia. Morrer é descansar.... Mas quando eu já não estiver neste mundo, lembre-se desta conversa que talvez seja a ultima....

SOPHIA

A senhora me assusta.

CAROLINA

Si Luiz tiver escrupulos de casar-se outra vez, diga-lhe o que me ouvio, — « que minha alma o abençoará do outro mundo, si elle der a minha filha uma segunda mãe boa e virtuosa, como.... como a Sra. D. Sophia ! »

SOPHIA

D. Carolina !...

CAROLINA

Va ver Lina ; mas não lhe falle do que succedeu hontem ; ella está muito apprehensiva ; procure distrahi-la.

SOPHIA *sahindo*

Sim, senhora.

SCENA V

Menezes e Carolina.

MENEZES

Porque se ergueu da cama, Carolina ?

CAROLINA

E' necessario !...

MENEZES

Luiz não devia ter consentido !

CAROLINA

Elle não me viu ; pensa que estou deitada. Obteve as cartas ?...

MENEZES

Aqui estão, com um retrato !

CAROLINA

Ah ! obrigado meu amigo. Accenda-me uma vela !...

MENEZES

O tal Vieirinha custou á desistir da hypotheca que tinha sobre a D. Paulina !...

CAROLINA

Não zombe assim da honra de uma senhora, Menezes, ao menos diante de mim !...

MENEZES

Desculpe, Carolina !

CAROLINA

Mas afinal como obteve que lhe entregasse ?... E entregaria todas ?... E' capaz de ter ficado com algumas....

MENEZES

Não tenha receio. Araujo possuia um authographo precioso do nosso commendador, o qual apresentado a policia bastava para manda-lo em 24 horas para a casa de correccão e em 3 mezes para Fernando de Noronha... (*accende a vela*). Munido dessa arma poderosa apresentei-me em casa do Vieirinha que se dignou abrir-me todas as gavetas e commodas. Ahi no seu grande arsenal de conquistador, achei entre flôres seccas, anneis de cabellos, retratos e epistolas, o que procurava.

CAROLINA

Outra vez obrigado, Menezes!... Já que não pude deffender a minha, salvarei a honra dessa senhora! (*Queima os papeis.*)

MENEZES

Custa caro á sociedade a honra de D. Paulina!

CAROLINA

Porque?

MENEZES

Demorou a punição de um tratante!

SCENA VI.

Os precedentes, D. Francisca e o afilhado

D. FRANCISCA

Vou entrando, porque estou cansada de bater. (*Cortezia secca aos dous.*)

CAROLINA

Sabe que tem toda a liberdade nesta casa!

D. FRANCISCA

Preciso fallar-lhe em particular, D. Carolina.

CAROLINA

Falle D. Francisca. O Menezes é nosso amigo velho e para elle não temos segredos.

D. FRANCISCA

Bem ; era pela senhora ! Ca por mim, pouco se me dá !

MENEZES

Ia me retirar ; mas como o segredo interessa á Carolina, fico. Póde fallar sem susto, D. Francisca.

D. FRANCISCA

O senhor dirá se tenho razão. Hontem chegando em casa achei uma carta anonyma, que eu não lhe devo mostrar porque traz cousas horriveis contra a senhora.

CAROLINA

Que mal faz ? Deixe-a ver !

D. FRANCISCA

Não a trouxe, e nem lhe fallaria della se não fosse tocar em um ponto que me interessa, o futuro de minha filha. A carta diz que o Pinheiro... Não se zangue...

CAROLINA

Porque motivo ? A senhora repete apenas o que leu.

D. FRANCISCA

Ha certas cousas que custão repetir, mas emfim é preciso. A carta diz que a senhora aqui ha annos teve relações com o Pinheiro e o arruinou.... E' verdade ?...

MENEZES

Senhora !... Bem fiz eu em ficar !

CAROLINA

Não se altere, meu amigo !

D. FRANCISCA

Queira perdoar ! Eu suspeitei logo que houvesse ahí alguma intriga ; mas desejava ouvir isso mesmo da senhora.... para meu socego. Vejo agora que não passa de uma miseravel calumnia !

CAROLINA

Não, D. Francisca. Tudo que lhe escrevêrão... é verdade !

D. FRANCISCA

A senhora confessa ?

MENEZES

Carolina !

CAROLINA

Não sei mentir !

D. FRANCISCA *erguendo-se*

Então muito agradecida pela peça que me pregou ! O dote de Amelia é que devia pagar ao Pinheiro a sua divida !

CAROLINA

Quando a senhora me pediu que arranjasse um casamento para sua filha, o que me disse ? « Que desejava casa-la antes de tudo com um homem de bem, embora pobre e sem posição. » Não é exacto ?

D. FRANCISCA

A que vem isto agora ?

CAROLINA

Eu conhecia um homem de bem, que tinha lutado corajosamente contra a miseria e aprendera na desgraça....

MENEZES

Um exemplo que eu admiro no meio da corrupção actual.

CAROLINA

Lembrando-me d'elle para marido de D. Amelia referi tudo quanto eu sabia de sua vida, occultando sómente o nome da desgraçada que o tinha reduzido a miseria. Pensei que não fosse necessario curtir essa vergonha.... Enganei-me ; não devia subtrahir-me a ella !...

D. FRANCISCA

Bem ; eu não tenho mais que fazer aqui.

CAROLINA

E' justo que me ouça ! Si esse moço fosse arruinado por outra mulher eu teria o direito de o proteger e recomendar ; mas como eu fui a propria authora de sua desgraça, não posso, não devo reparar o mal que lhe causei !... Seria uma indignidade, uma peça....

D. FRANCISCA

Não quiz lhe offender dizendo isto....

CAROLINA

O Pinheiro é um homem de bem e digno de pertencer á sua familia ; a senhora o provou com a estima em que o tem, sua filha com a afeição que lhe consagra !... Que importa o ente desprezível que serviu para os reunir ?... Despreze-me embora, rebaixe-me na sua estima, porém não faça a infelicidade de duas creaturas que se amão !

D. FRANCISCA

Tem muita razão ! Eu é que sou de um genio meio arrebatado ; não faça caso do que disse, D. Carolina. Supponha que nada houve entre nós !...

CAROLINA

Eu lhe agradeço.... por elles !

MENEZES

Agora permita-me tambem uma palavra, D. Francisca. Desconfio que essa carta anonyma seja de um celebre commendador Vieira....

D. FRANCISCA

E não é de outro !

MENEZES

Desejo vê-la !

D. FRANCISCA

Vá a minha casa. Eu lhe mostrarei !

MENEZES

Será a ultima infamia que elle pratique impunemente.

D. FRANCISCA

Adeus, D. Carolina, não posso demorar-me.... Até outra vez, Sr. Menezes. (*Sahe*)

SCENA VII

Carolina e Menezes

MENEZES

Em que pensa Carolina!

CAROLINA

No meu destino, Menezes. Preciso morrer!

MENEZES

Abandone, semelhante idéa, Carolina. Eu lhe ordeno em nome do dever!

CAROLINA

E' o dever que me condemna. Você me conhece, Menezes; eu não era capaz de affligi-lo com essa triste noticia, se ella não lhe annunciasse uma resolução inhabalavel!

MENEZES

Bem, Carolina!... Neste caso eu assumo a authoridade que me dá o meu titulo de homem honesto e amigo dedicado para impedir por todos os modos que voce realise semelhante ingratição!

CAROLINA

Pensa que eu pretendo suicidar-me?

MENEZES

Suas palavras....

CAROLINA

Para morrer não careço de ferro, nem de veneno! Olhe para mim! Não vê que eu já trago a morte comigo, dentro deste corpo; sou mais que uma moribunda, sou uma defuncta viva! O que ainda me sustenta é a vontade; quero viver algumas horas ainda! Quando essa vontade me abandonar, terei acabado de morrer!...

MENEZES

Eu a desconheço, Carolina! Você tão forte e resignada com a desgraça, succumbe agora que chegava ao fim de seus soffrimentos!

CAROLINA

Fui e sou forte para a minha propria desgraça ; mas para a desgraça daquelles que amo, sou pusilanime e fraca ! Soffri resignada a expiação do meu erro, porém não posso soffrer as dôres de que sou causa infeliz ! Minha filha me despreza. Luiz já não me ama !

MENEZES

Luiz ainda não lhe confessou?... Elle a ama. Elle a adora ! Teve um instante de loucura, uma vertigem, mas cahirá de novo á seus pés confuso e envergonhado !

CAROLINA

Não é possível, meu Deus ! Si fosse.... elle me teria dito !...

MENEZES

Teve medo de dizer ; queria provar !

CAROLINA

Oh ! não é necessario !

SCENA VIII

MENEZES

Vem, Luiz, vem dizer a Carolina que é verdade que tu a amas ?...

LUIZ *agitado*

Para que sahiu do quarto ? Viu Lina ?...

CAROLINA

E' verdade, Luiz !

LUIZ

Eu não queria confessar-lhe, Carolina, senão depois que me tórnasse digno de seu perdão !... Não bastava meu arrependimento, era necessario apagar em seu espirito a força de adoração, a lembrança de um crime !

CAROLINA

Está apagada, Luiz. Creio que ella nunca ahi esteve ; o que eu tinha no coração era sim o pesar de o fazer infeliz !

LUIZ

Minha boa Carolina!... Ainda havemos de ser muito, muito felizes!

MENEZES

Acredito! No seio da familia que é onde está a verdadeira felicidade!

CARÓLINA

Para mim não! Já não ha felicidade neste mundo! Nem mesmo no berço para onde me apontaste outr'ora, Luiz! Minha filha!... E' preciso que eu morra por ella e para ella!...

LUIZ

Que desespero é esse, Carolina? Attenda!...

CAROLINA

Julga que eu possa viver, depois de confessar a Lina a minha vergonha! Porque é necessario que eu lhe confesse, que me arraste pelo chão á seus pés pedindo-lhe perdão.... Seja este o maior e o ultimo castigo, o supplicio que de uma vez me acabe!...

LUIZ

Socegue; Lina está tranquillada e resignada!...

CAROLINA

Mas quando ella perguntar-me porque é irmão de....

LUIZ

Não lhe perguntará: ella já o sabe.

CAROLINA

Então!...

LUIZ

Ouçã! Ella sabe que Frederico é meu filho! Eu lh'o disse; e o Ribeiro o confirmará. Lina está perfeitamente convencida. Quando voltei ao quarto para lhe prevenir, pareceu-me que você dormia, Carolina. E por isso me assustei encontrando-a aqui!

MENEZES

Resolveste uma grave difficuldade!

CAROLINA

Mas tenho eu o direito de subtrahir-me a este castigo do meu erro?

MENEZES

Tem o dever de não amargar o coração de sua filha!

CAROLINA

E se de um momento para outro ella vier a saber a verdade?...

LUIZ

Preveni tudo. Havemos de viver d'agora em diante mais encerrados na familia e na verdadeira amizade: além disto amanhã voltaremos para a roça. Ahi vive-se isolado do mundo, e por isso mais perto de si e dos seus!

MENEZES

Antecipaste a minha lembrança.

CAROLINA

Acreditão então que ainda Deus me reserva socego e ventura neste mundo?

MENEZES

De certo!...

LUIZ

Eu te juro, Carolina!

CAROLINA (*assustada*)

Um carro!

LUIZ

Ha de ser Araujo!

MENEZES (*na janella*)

E o Ribeiro!

LUIZ

Que lembrança de Araujo, trazer aqui esse homem. Não lhe faz mal sua presença, Carolina!

CAROLINA

Oh! não Luiz! Trata-se de tua e minha filha! Não sei que me diz o coração!...

SCENA IX

Os precedentes, Barão e Ribeiro*

BARÃO (*entrando*)

Alegrem-se!... Uma com que ninguem contava.

LUIZ

O que?

RIBEIRO

Frederico não é meu filho!

MENEZES

Nesse caso Lina?...

RIBEIRO

Não é sua irmã.

CAROLINA

Ah!...

RIBEIRO (*a Luiz*)

Quando o Sr. Vianna exigio de mim o sacrificio de restituir a filha á ternura de sua mãe, eu não podia deixar de acompanhá-la de longe com o meu amor. Por esse tempo falleceu na Europa meu irmão, deixando em Campos onde residia um filho orphão de sete annos; eu o adoptei e trouxe para minha companhia. Quando partio meu irmão, elle tinha apenas dous annos; disserão-lhe que seu pai ia chegar e elle me abraçou como tal.

LUIZ

Mas o Sr. Ribeiro devia ter reflectido no inconveniente deste segredo quando seu filho frequentava uma sociedade na qual Lina apparecia!

RIBEIRO

Permitta que lhe confesse uma fraqueza minha. Adoptando esse menino por meu filho, meu desejo era uni-lo algum dia áquella de quem me separei para sempre; e reivindicar assim o direito de chama-la minha.... filha.

LUIZ

Devia ter-me prevenido e consultado.

RIBEIRO

Preparava-me para isto; tinha hontem adquirido a certeza de que Frederico amava seriamente, quando sem esperarmos ...

BARÃO

Felizmente tudo acaba bem! Vou chamar minha afilhada para dar-lhe a alegre noticia!...

CAROLINA

Chame-a, sim, Araujo. Seja ella feliz, embora eu morra de vergonha a seus pés!

MENEZES

Espera. (*a Araujo*). Que pretende você fazer Carolina? Confessar a Lina....

CAROLINA

Tudo, tudo, e neste instante!

LUIZ

Não consinto!

CAROLINA

Mas, Luiz, meu coração não pôde soffrer que Lina se julgue desgraçada nem mais um momento, quando a alegria e a felicidade lhe sorriem.... Ella ama Frederico e está convencida que elle é seu irmão!...

MENEZES

Talvez o melhor fosse não perturbar essa convicção, pelo menos já. Estes choques frequentes para uma joven imaginação!...

RIBEIRO

Mas, Sr. Menezes, elles se amão.... tanto; e Frederico que já sabe!...

LUIZ

Ha um meio de arranjar tudo. Direi a Lina que o Sr. Ribeiro desfez o engano em que estavamos. Frederico não é o menino que eu julgava meu filho.

BARÃO

Aprovo.

RIBEIRO

Muito bem !

MENEZES

Tomem o meu conselho !

CAROLINA

Deus condemna a mentira !... A mãe culpada deve humilhar-se em face da filha, para sua punição ! Eu não quero um dia, quando ella venha á saber, porque eu mesma não tenha mais força de lhe esconder... não quero juntar á vergonha de meu erro, a cobardia da mentira. Si até hoje meu silencio para ella foi simples receio e pudor, d'aqui em diante será uma hypocrisia vil ! De que serve engana-la?... Minha filha ha de ver no rubor de minhas faces, no tremor de minha voz, no remorso de minha alma a verdade terrivel ! Deixa-me, Luiz, deixa-me ir lançar de uma vez a seus pés !...

LUIZ

Opponho-me com todas as forças !

CAROLINA

Seja ella feliz !...

SCENA X

Os precedentes e Frederico

FREDERICO (*entrando com precipitação*)

Meu pai!

RIBEIRO

Que tens, Frederico? Estás tão perturbado!

FREDERICO

Venha, não se demore! Eu lhe supplico...

RIBEIRO

Realmente tu me assustas. Não te lembras já do que me trouxe aqui?

FREDERICO

Por isso mesmo...

RIBEIRO

Estavamos justamente tratando de tua felicidade; chegastes á proposito...

FREDERICO

Todos já sabem?... E Lina tambem?...

RIBEIRO

Ella ainda não.

FREDERICO

Meu Deus... Estou perdido...

RIBEIRO

Porque?

FREDERICO

Eu vinha mesmo para lhe pedir que nada dissesse... corri á casa e já não achei meu pai; soube que tinha sahido com o Sr. barão... cheguei tarde... Ella não me perdoará?

CAROLINA

Ella quem ?

FREDERICO

Lina !

RIBEIRO

Não te comprehendo !... Lina te ama e não te perdoará quando souber que não é tua irmã, e póde ser tua esposa.

LUIZ

Realmente é incomprehensivel.

BARÃO

Ha aqui algum misterio...

FREDERICO

Eu lhe rogo meu pai, e aos senhores, não declarem a Lina que eu não sou seu irmão. Ella morreria !... Depois, talvez !...

CAROLINA

Mas... o senhor esteve com a Lina hoje, já lhe fallou ?...

FREDERICO

Não sei, não me pergunte semelhante cousa.

CAROLINA

Ah !... Minha filha já sabe tudo ! Elle lhe disse !...

FREDERICO

Não ! não !...

MENEZES

As suas reticencias diante de uma mãe afflicta são crueis. senhor: diga-nos o que se passou e que debalde tenta occultar; ha no seu coração materno, como na amizade que o rodeia, bastante resignação e coragem para resistir á mais esse golpe que nos ameaça !

FREDERICO

Eu bem queria fallar ; mas não posso.

LUIZ

E' escusado o silencio !

CAROLINA

Meu coração já advinhou !

MENEZES

E Lina nos dirá o que aconteceu !

LUIZ

Vou chama-la !

FREDERICO

Oh ! Não a chame !... Eu contarei tudo, mas não mostrem á ella que o sabem.... a senhora sobretudo !

CAROLINA

Falle por compaixão.

RIBEIRO

Eu te ordeno, Frederico !

FREDERICO

Quando meu pai declarou-me que eu não era irmão de Lina, fiquei tão fóra de mim com a alegria dessa noticia, que corri até aqui para fallar com o Sr. Vianna ! Achei Lina nesta sala....

CAROLINA

E disse-lhe tudo.... tudo !...

FREDERICO

Eu pensei que ella já sabia....

CAROLINA

E minha filha... amaldiçoou-me !

FREDERICO

Ella?... Não quiz acreditar-me.... Seu pai lhe tinha dito que eu era seu filho, e seu pai não mentia.... Devíamos ficar irmãos, para que sua mãe não soffresse !... Mandou-me que fosse lhe supplicar, meu pai, para que nada revelasse.... Emfim....

CAROLINA

Acabe !...

FREDERICO

Jurou que si meu pai proferisse uma palavra, nunca mais eu a havia de ver.... morreria com sua mãe !...

CAROLINA

Oh ! minha filha !...

BARÃO

Ella ahí vem ! Quero abraça-la !

FREDERICO

Silencio, por piedade !...

SCENA II

Os precedentes e Lina

LINA

Mamãe !

CAROLINA

Minha filha !... Tu sacrificavas a tua felicidade ao socego de tua mãe !...

LINA (*voltando-se para Frederico*)

Nunca mais !... Eu o jurei !...

FREDERICO

Perdão !

CAROLINA

Ainda me amas, Lina ?

LINA

Agora, mil vezes mais, porque sei quanto mamãe tem soffrido !

CAROLINA

Abençoada por minha filha !... Então posso viver, meu Deus !... Viverei para ser testemunha de tua felicidade !... Seremos agora três para te amar....

RIBEIRO

Tres !...

CAROLINA

E elle tambem !

Sim!

LINA (com terror)

Não, não! Esse homem, não!...

RIBEIRO

Meu castigo! Adeus, Frederico, se feliz! (sai).

LINA (atirando-se aos braços de Luiz)

Meu pai!...

LUIZ

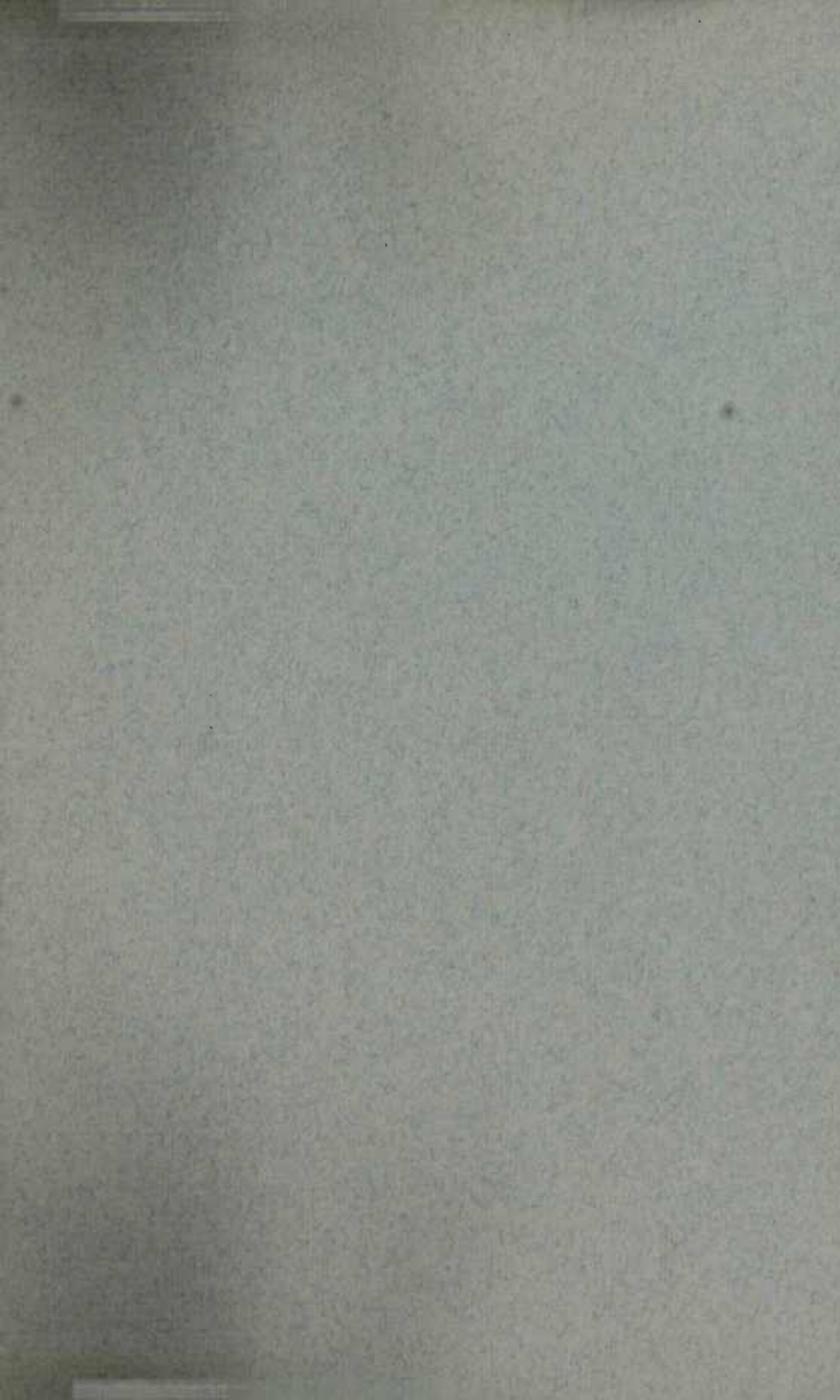
Anjo!

MENEZES

Anjo, sim.... (á Carolina) de perdão para a vítima; de maldição para o culpado.

F I M







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).